

A SAGA DO REI DRAGÃO
VOLUME II

OS GUERREIROS DE NIN

STEPHEN LAWHEAD



Tradução de Maria Nóvoa

COLEÇÃO
TEEN
Uma aventura por mês



CAPÍTULO I

Quentin estava de pé junto do alto parapeito sobranceiro à floresta tranquila. Os seus olhos perscrutavam as colinas suaves, vestidas com os tons de verde do início do Verão, esbatidos na luz dourada da tarde pela névoa que se formava, anunciando o crepúsculo. Na sua mão apoiada na fria balaustrada de pedra esvoaçava um fino rolo de pergaminho ao sabor da brisa suave. Aos seus pés encontrava-se uma caixa de couro, da qual tirara o rolo que lera havia apenas uns momentos. A caixa tinha estampada a insígnia real que conhecia tão bem: o terrível, ondulante dragão vermelho do Rei Dragão.

Embora o calor dos últimos raios de sol lhe batesse em cheio no rosto, Quentin sentiu-se percorrido por um arrepio. Suspirou profundamente e baixou a cabeça, abanando a devagar. Ouvindo um roçar atrás de si e os passos leves de uns pés batendo na pedra, virou-se e viu Toli deslizando na sua direção. O jovem alto sentou-se facilmente na borda do parapeito, cruzou os braços por cima do peito, mirou Quentin com os seus olhos castanhos e zombeteiros e encheu os pulmões com aquele ar límpido e fresco.

— Ouve — disse, pondo a cabeça de lado. — É o som da terra em paz.

Quentin pôs-se à escuta e ouviu os trinados longínquos dos pássaros que esvoaçavam entre as bagas, as folhas a abanarem ao sabor da brisa e vozes que murmuravam num pátio algures lá em baixo.

— Disseram-me que tinha chegado um cavaleiro de Askelon com uma mensagem para ti. Então pensei que era melhor vir aqui ver se o meu amo precisa de alguma coisa.

Quentin olhou para o amigo e sorriu.

— Ou seja, a curiosidade levou-te a sair das tuas queridas estrebarias. É verdade, recebi uma mensagem do rei. — Levantando o pergaminho, estendeu-o a Toli, que começou a ler.

Depois, Toli levantou a cabeça e deu com os olhos nos de Quentin, que o examinava.

— Aqui não diz qual é o problema.

— Pois não, mas também não é um convite para uma visita de amigo. Parece um pedido de ajuda e é urgente. Se fosse pouco importante, Eskevar teria esperado. De qualquer forma, ficámos de voltar para Askelon daqui a umas semanas...

— E aqui diz que é melhor irmos já. Pois, estou a ver... Mas há mais alguma coisa? — Os penetrantes olhos de Toli examinaram Quentin, que se endireitou, tentando esconder-se da intensidade daquela observação.

— Porque dizes isso?

Toli riu suavemente.

— Conheço o meu Kenta bem de mais. Não estarias com esse ar se não suspeitasses do que se esconde por trás desta convocatória tão inocente.

— Inocente? — Baixou-se e pegou na caixa de couro. — Mas tens razão, Toli. Tenho um certo medo. Ao ler a mensagem, senti-me invadido por uma sensação de profunda tristeza, de perda...

Toli observou Quentin atentamente e ficou à espera que ele continuasse.

— Tenho medo de que se formos agora para Askelon nunca mais voltemos a Dekra.

— Viste isso?

Quentin limitou-se a abanar a cabeça.

— Bem, então pode não ser assim. Talvez o teu pressentimento seja só um aviso do que pode acontecer se não formos já.

Quentin voltou a sorrir; desta vez, brilhou-lhe nos olhos um relâmpago de alívio.

— Talvez tenhas razão. Como de costume, o servo salvou o seu amo de si próprio.

— Podemos partir hoje à noite. Vai ser bom voltar a dormir por esses caminhos. Há muito tempo que não o fazemos juntos.

— Pois, mas esta noite não. Já te esqueceste de que vamos jantar com o Yeseph? E, se não me engano, só temos tempo para nos

arranjarmos e irmos para casa dele. Está à nossa espera. Portanto, partimos de madrugada — disse Quentin.

— Como queiras — retorquiu Toli, inclinando a cabeça numa ligeira vénia. — Vou tratar de arranjar tudo quando acabarmos de jantar com o Yeseph e os anciões.

Quentin assentiu, pegou no rolo de pergaminho que Toli lhe estendia e voltou a metê-lo na caixa. Depois, viraram-se e dirigiram-se aos aposentos de Quentin.

Vestiram-se os dois com os seus melhores mantos de lã, enfiaram os pés em finas botas de couro e partiram a caminho da humilde morada de Yeseph.

Yeseph vivia num bairro da cidade em ruínas, perto da biblioteca. Enquanto seguiam juntos, Quentin mirava a cidade que aprendera a amar. Os seus olhos, há muito acostumados às estruturas retorcidas que de todos os lados lhe saltavam à vista, pareciam não reparar na destruição: o que viam era como tudo fora no tempo dos poderosos Ariga.

No seu espírito, via as pedras outra vez empilhadas umas sobre as outras, os arcos reconstruídos com azulejos coloridos, as portas, maravilhosamente entalhadas, abertas de par em par, os pátios cheios de plantas em flor, as ruas ecoando de risos e canções. Via tudo como imaginava que tinha sido. Quentin tinha sempre a mesma sensação mágica quando passeava pela cidade. Vivia em Dekra havia dez anos, e nunca deixara de se extasiar nem de sentir que o seu lugar era ali, que jamais encontraria outro lar como Dekra.

— Há de voltar a ser — disse Toli, enquanto caminhavam ao longo das ruas silenciosas, pisando as pedras das calçadas, cujas arestas tinham sido limadas pelo tempo.

— O quê? — perguntou Quentin com um ar ausente.

— Esta cidade há de voltar a ser como foi, como tu a vês na tua cabeça.

— Achas que sim?

— Tu não?

— Acredito que sim. Quero acreditar. Mas, às vezes, parece que o trabalho anda tão devagar! Há tanto para fazer! Era bom se tivéssemos mais gente.

— Mas repara no que se fez desde que aqui chegámos. E somos mais a cada ano que passa. Whist Orren abençoa os nossos esforços com os dele.

Era verdade. Os trabalhos de restauração da antiga cidade, que ia sendo povoada com pessoas que partilhavam o sonho de lhe devolver a glória de outrora e de estudar os Ariga e o seu deus, sucediam-se a um ritmo excelente. Fizera-se muito em dez anos. Todavia, ainda faltava o trabalho de uma vida. E era isso que espicaçava a impaciência de Quentin.

O velho professor de Quentin, de costas curvadas, esperava-os de pé ao portão do seu pátio. O seu rosto iluminou-se quando viu os dois jovens que se aproximavam.

— Olá, olá, meus amigos! — gritou Yeseph, correndo ao seu encontro. — Tenho estado à vossa espera. Ainda não chegou ninguém. Esperava que fosse assim, porque quero falar convosco. Arrastou-os para a sombra e indicou-lhes uns bancos de pedra situados debaixo de uma árvore de copa muito larga. No pátio, limpíssimo, havia tudo o que podia ver-se em qualquer jardim cujo proprietário adorasse plantas e flores.

— Sentai-vos, por favor. Sentai-vos. Omani! — Logo que os seus convidados se sentaram debaixo da árvore, Yeseph bateu as palmas. Uma jovem esbelta apareceu com um tabuleiro de taças de madeira e uma garrafa de pedra. Quase flutuando graciosamente, a rapariga pousou o tabuleiro junto do cotovelo de Yeseph. — Podes servir, minha linda — disse docemente.

A jovem serviu as bebidas. Quando se virou para se ir embora, Yeseph recomendou-lhe:

— Serve a refeição quando os outros chegarem. Acho que já não devem demorar muito. — Sorrindo sempre, ela fez uma vénia e retirou-se para dentro de casa.

Os Curatak não tinham servos. Mas era frequente rapazes ou raparigas ligarem-se às casas dos chefes curatak mais velhos ou dos artesãos para os servirem e com eles aprenderem até decidirem o que queriam fazer na vida. Assim, os que precisavam da ajuda de um servo tinham-na sempre e os jovens podiam ser úteis até entrarem no mundo dos adultos.

Um tanto melancolicamente, Yeseph ficou a ver a rapariga desaparecer na ombreira escura. Reparando na sua expressão, Quentin comentou:

— Ela é uma ajudante preciosa, Yeseph. Tiveste sorte.

— É verdade, e tenho pena de a perder.

— Porque é que havias de a perder?

— E porque não? Ela tem quase dezoito anos. Quer casar em breve. Talvez no Verão. Vai casar com o Rulan, um antigo aluno meu. Ele é bom rapaz e muito inteligente. Vai ser um bom casamento. Mas eu perco uma excelente cozinheira e fico sem companhia. Sinto que ela podia ser minha filha.

— Porque não te casas outra vez? — perguntou Toli.

De repente, Yeseph pareceu muito agitado.

— Com quem é que tens andado a falar?

— Com ninguém. Perguntei por perguntar.

— Bem, mas é verdade. Era isso que queria dizer-vos. Vou mesmo casar. Anuncio os banhos esta noite.

— Parabéns! — gritou Quentin, que se pôs em pé de um salto, percorreu a distância que o separava do seu antigo professor e o abraçou, beijando-lhe ambas as faces. — Quem é a felizarda?

— Karyll, a costureira.

— A viúva do Lendoe, que morreu há uns anos num acidente na forja?

— Essa mesmo. Uma excelente mulher. E há tanto tempo que está sozinha...

Quentin riu-se.

— Não precisas de nos dar explicações: já tens a nossa autorização. Tenho a certeza de que ides ser muito felizes.

— Vamos mesmo. Por mim, já me sinto muito feliz por partilhar esta notícia com os meus amigos. Sabeis, vós sois quase meus filhos.

— Foste nosso professor e nosso pai muitas e muitas vezes.

— Por isso é natural que sejais os primeiros a saber.

— A venerada mulher vem cá hoje à noite? Gostava de lhe dar os parabéns.

— Vem... aliás, parece-me que estou a ouvir a sua voz.

O som de vozes alegres e risonhas chegou ao pátio, vindo da rua. Yeseph precipitou-se para o portão, a receber a noiva e as suas duas companheiras. Corando e sorrindo, guiou-a até Quentin e Toli, que a aguardavam de pé com a alegria estampada no rosto.

— Meus amigos, esta é a Karyll, a minha prometida.

A mulher baixa e de rosto redondo devolveu-lhes o sorriso caloroso. O seu cabelo castanho, onde Quentin viu alguns fios prateados, estava recatadamente apanhado atrás, preso numa rede ornamentada. Envergava um vestido branco e largo e trazia um xaile azul-vivo nos ombros. Era uma mulher graciosa.

Quando Yeseph a cingiu com o braço, lançou à futura esposa um olhar tão afetuoso que Quentin se sentiu invadido pela saudade da sua amada.

— Olá, Karyll. Parabéns. O Yeseph já nos disse que se vão casar. Fico muito satisfeito com isso.

— Obrigado, Quentin. Somos muito felizes. — Virando-se, mergulhou os olhos nos de Yeseph e acrescentou: — O Yeseph está sempre a pôr-vos nos píncaros. Ainda bem que ele vos escolheu para serdes os primeiros a saber dos nossos planos.

— Quando vai ser o casamento? — perguntou Toli.

— Eu e o Yeseph pensámos que seria agradável casarmo-nos em meados do Verão.

— É verdade — concordou o noivo. — Na realidade, não há nada que nos impeça de casarmos imediatamente. Já somos os dois crescidos. — Deu uma gargalhada, a que se juntou outra de Karyll. Mas o riso desvaneceu-se quando Yeseph viu que nem Quentin nem Toli partilhavam a sua alegria. Tinham ficado estranhamente calados. A luz da felicidade extinguiu-se-lhes do olhar.

— Que se passa? O nosso plano não vos agrada?

— Agrada e muito. No entanto, parece-me que não vamos estar entre os felizes convidados.

— Posso saber porque não?

— Íamos dizer-te esta noite. O rei convocou-nos. Temos de partir para Askelon.

— Sim, já sei... daqui a umas semanas, mas...

— Não. Já. Chegou hoje um cavaleiro. Temos de partir imediatamente.

— Então vamos esperar até vós regressardes — prontificou-se Yeseph. Karyll assentiu com a cabeça.

Quentin sorriu com tristeza.

— Não, isso não quero. Nem sei quando poderemos voltar. Não espereis por nós, por favor.

Toli tentou aligeirar o tom da conversa.

— O Kenta quer dizer que, se estivesse no teu lugar, Yeseph, não deixaria que uma criatura tão adorável fugisse para os braços de outro. Deves casar-te como planeaste. Quanto a nós, voltaremos muito em breve para dar os parabéns ao feliz casal.

Yeseph procurou os olhos de Quentin. Como de costume, lia mais neles do que o seu amigo queria.

— Há algum problema?

— Parece-me que sim — suspirou Quentin. — A mensagem não o dizia diretamente e o mensageiro também não lhe acrescentou nada. Mas partiu imediatamente, sem esperar pela resposta. Yeseph observou Quentin, de pé à sua frente. O jovem desajeitado e impetuoso crescera e tornara-se um homem direto e sensível. Era alto e esbelto como os jovens, mas sem o ar descuidado que estes muitas vezes têm. Apesar do seu porte régio, Quentin não se dava absolutamente nenhuns ares de grande senhor nem tinha a arrogância que é frequente acompanhar os espíritos nobres. O ancião sentiu uma dor no coração ao ver o seu aluno e protegido como que balançando à beira de um grande abismo. Apeteceu-lhe estender a mão e puxá-lo, mas sabia que não podia. Quentin pertencia a Dekra, mas também era de Askelon, e não podia negar a sua lealdade a nenhuma das duas cidades.

— Claro que tens de ir. — Yeseph esforçou-se por sorrir. — Quando partes?

— Amanhã de madrugada. É melhor...

— Claro, claro. Não vale a pena adiar. Quanto mais cedo fores, mais cedo voltas. Desta vez, pode ser que tragas a Bria contigo. Ao ouvir este nome, Quentin sobressaltou-se e voltou a sorrir calorosamente. A sombra fria que caíra sobre o alegre grupo afastou-se e, à medida que o cintilante crepúsculo avançava suavemente, começa-

ram a falar ao mesmo tempo de tudo o que fariam quando voltassem a encontrar-se.

Apesar do seu desejo de partirem cedinho na manhã seguinte, Quentin e Toli foram os últimos a sair de casa de Yeseph, onde tinham cantado, comido e conversado muito. Os anciões haviam abençoado a jornada dos jovens e todos tinham ouvido histórias e canções dos antigos Ariga, cantadas por um dos jovens músicos curatak. Depois, haviam-se despedido, mas ninguém o fizera tão ardentemente como Quentin.

— Olha, Kenta — disse Toli, enquanto caminhavam pelas ruas escuras e vazias. A Lua cheia brilhava sobre a cidade, iluminando tudo com uma luz líquida e prateada.

Quentin seguiu o olhar de Toli, que se erguia para o céu.

— Que estás a ver?

— Já desapareceu. Era só uma estrela cadente.

— Hummm. — Quentin voltou a refugiar-se nos seus devaneios, escutando o eco dos seus passos na calçada e sentindo-se envolvido pela paz silenciosa de Dekra. De repente, sem motivo, arrepiou-se todo, como se tivesse atravessado um poço de ar frio.

Toli reparou no estremecimento de ombros de Quentin e olhou para o amigo.

— Também sentiste?

Quentin ignorou a pergunta. Por fim, depois de terem dado mais alguns passos, indagou:

— Achas que alguma vez voltaremos aqui?

— A noite não é boa altura para pensar nessas coisas. Voltaram os dois em silêncio para o palácio do governador e encaminharam-se para os seus aposentos.

— Vai ser bom voltar a ver Askelon e todos os nossos amigos — disse Quentin ao despedir-se. — Boa noite.

— Boa noite. Eu acordo-te de manhã. Quentin deixou-se ficar muito tempo deitado na cama, sem fechar os olhos. Ouviu, no quarto ao lado, Toli fazendo silenciosamente os preparativos para a viagem e os passos suaves do Jher, que foi tratar dos cavalos antes de ir para a cama. Por fim, virou-se para o lado e adormeceu imediatamente. A

Lua brilhava através das portas da varanda, espreitando para dentro como um rosto amável.



CAPÍTULO II

Quentin encontrou-se com Toli nas cavalariças, que eram um agrupamento de estruturas baixas, de pedra, que Toli destinara à criação de cavalos. No tempo que passara em Dekra, o Jher tornara-se um excelente treinador e criador de cavalos. De facto, com a ajuda do mestre dos estábulos de Eskevar, estava a desenvolver uma raça de animais notáveis, produto do cruzamento dos cavalos de guerra de mais porte, como Balder, com os mais leves e ligeiros, que eram o orgulho de Pelagia. O resultado seria uma raça suficientemente forte e corajosa para a guerra, mas que também teria a capacidade de percorrer depressa grandes distâncias sem se cansar.

Quentin passou por baixo do largo arco de pedra e parou em frente da baía de Balder. Ao ver o seu dono aproximar-se, o velho cavalo de guerra relinchou baixinho. Estendendo a mão, Quentin deu-lhe umas palmadinhas e acariciou o focinho macio e enorme.

— Desta vez, podes ficar aqui, meu velho. Toma conta dele, Wilton — disse por cima do ombro para o jovem ajudante de Toli. — De vez em quando, dá-lhe mais uma cenoura. — Depois, dando umas palmadas na testa do cavalo, cujo pelo formava uma estrela branca, rematou: — Quando eu voltar, havemos de dar um grande passeio.

As cavalariças cheiravam a funcho doce, a palha e aos corpos quentes dos cavalos. O cheiro lembrava a Quentin as jornadas que fizera. De facto, estava ansioso por partir. Dirigiu-se a Toli, que verificava os alimentos e o jaez das suas montadas.

— Bom dia, Kenta. Ia mesmo agora acordar-te.

— Como vês, estou pronto. Não dormi muito. Está tudo preparado? — Virou-se e deu uma palmada num garanhão de um branco de leite. — Então, Blazer? Estás mortinho por esticar essas patas compridas? — O cavalo lançou para a frente a crina esvoaçante e mirou

Quentin com os seus olhos preto azulados, como se dissesse: «Embora! Vamos embora!»

— Só tenho de dar mais algumas instruções ao Wilton — respondeu Toli. — Depois, podemos pôr-nos a caminho.

Toli, que se considerava servo de Quentin para toda a vida, era objeto de devoção dos Curatak. O simpático jher tinha vários ajudantes, que tratava tão bem como qualquer amo fazia a um servo dedicado. O facto era que consideravam Toli tão príncipe como Quentin; e numa cidade onde cada homem era servo do outro, isto constituía a mais elevada das honras.

Toli voltou, pegou nas rédeas dos dois cavalos e conduziu-os para as ruas silenciosas. Seguindo à direita de Toli, Quentin escutava o bater das patas dos cavalos nas pedras das ruas antigas. Para leste, o céu brilhava envolto numa neblina violeta, iluminando-se e adquirindo um matiz vermelho dourado à medida que o Sol ia ficando mais alto.

Toli cheirou o ar e anunciou:

— O vento sopra de oeste, por cima do mar. Vamos ter bom tempo para a viagem.

— Ainda bem. Espero estar em Askelon antes da Lua nova. Achas que conseguimos?

— É possível. Com bons cavalos e a estrada do rei em bom estado até depois de Pelgrin...

— Os nossos cavalos têm asas, meu amigo. E a estrada de Eskevar já vai até ao Arvin. De facto, vamos voar.

Chegaram às portas da cidade e saíram. Eram portas pouco vigiadas, pois Dekra não temia os intrusos nem tinha verdadeira necessidade de se defender.

Na porta pequena que se abria dentro da maior, Quentin parou e lançou um último e demorado olhar à cidade que tanto amava. A pedra vermelha luzia com o matiz rosado do Sol nascente. As torres e as espiras erguiam-se majestosamente no ar límpido e fresco da manhã, brilhando e cintilando como cristal resplandecente. Os sons normais da cidade que acordava ecoavam nas ruas vazias: um cão ladrava, uma porta abria-se e fechava-se. Atrás dele, Blazer e Riv, o lustroso cavalo preto de Toli, agitavam os freios, impacientes por

partir. Quentin levantou um braço, a despedir-se de Dekra, e virou-se para o seu cavalo.

— Vamos depressa! — gritou, saltando para a sela. — Vamos, Blazer! — O cavalo ergueu as patas dianteiras do chão, deu um pequeno coice e saltou em frente, seguindo o seu caminho.

Impaciente por chegar, Quentin forçou o percurso através de colinas baixas e entrou nas miseráveis terras pantanosas. O seu plano era pararem em Malmarby, seguindo o mais possível na orla dos pântanos. Em Malmarby, alugariam um barco para atravessarem a enseada e navegarem ao longo da costa oeste até depois da Muralha de Celbercor. Depois, o caminho tornar-se-ia mais fácil. Dirigir-se-iam para o rio Arvin, para o local onde este surgia límpido e frio de dentro dos Fiskills, cavalgariam ao longo da estrada nova do rei, passando os sopés selvagens que ficavam acima de Narramoor e atravessariam Pelgrin depressa, em direção a Askelon.

Os primeiros dias de viagem passaram sem novidades. A caça era abundante e, graças à habilidade de caçador de Toli, nunca lhes faltou nada que houvesse nas florestas.

Chegaram à aldeia de Malmarby numa manhã de sol, pelo caminho mais largo, que dava para a povoação e que saía do labirinto de pântanos e terrenos alagadiços que a rodeavam.

Quando se aproximavam da aldeia, Toli endireitou-se na sela e puxou as rédeas ao cavalo, fazendo-o parar. Quentin imitou-o, mas sem saber o que tinha alarmado o amigo.

— O que é? O que é que estás a ver?

— Falta qualquer coisa na aldeia. Sinto-o.

— Parece muito pacata. Mas vamos com cuidado.

Seguindo em frente com os cavalos a passo, iam perscrutando os arbustos e o denso matagal que ladeava o caminho, procurando qualquer sinal que pudesse confirmar as apreensões de Toli.

Não viram ninguém nem ouviram nada até chegarem mesmo à aldeia. Quentin parou o cavalo, ergueu-se na sela e olhou em volta. O caminho enlameado que fazia as vezes de rua principal de Malmarby estava vazio. Não se via viva alma entre as casas de madeira; a povoação encontrava-se silenciosa como um túmulo.

— Parece que não há ninguém por aqui. Onde...?

Ainda não acabara de falar quando quatro homens saltaram do arbusto mais próximo e agarraram os arreios dos cavalos. Dois dos homens estavam armados com lanças e os outros dois com espadas curtas. Pareciam aterrorizados; nos seus rostos graves e pálidos lia-se a preocupação e o medo.

Foi o olhar que lançou a estes rostos miseráveis que imobilizou a mão de Quentin.

— Espera, Toli! Não precisamos de ter medo destes homens. — Quentin falou alto e com calma, para que os seus potenciais atacantes soubessem que não queriam fazer-lhes mal.

Ouviu-se um roçar no arbusto e apareceu, ou antes, caiu outro homem na estrada. Quentin reconheceu o rosto magro e sulcado pelas preocupações do conselheiro da aldeia.

— Bom dia, conselheiro. É assim que tratais os forasteiros? Se calhar, querieis convidar-nos para tomar o pequeno almoço...

O homem magro e careca pestanejou e precipitou-se para a frente, olhando de viés para os viajantes com o seu único olho bom.

— Quentin? Para trás, homens, é o príncipe! Larguem-nos! — Quentin sorriu ao ouvir aquele título. Não era o príncipe, mas a sua lenda crescera tanto entre o povo simples de Mensandor que para ele era, de facto, o detentor de uma posição tão elevada. Por isso, tinham-lhe conferido o título mais alto em que haviam pensado: para eles, Quentin era, muito simplesmente, o príncipe.

— Sim, sou o Quentin. Mas diz-me, Milan, a que se deve esta receção? Onde estão as pessoas? A aldeia parece deserta.

— Desculpai, senhores. Não queríamos fazer-vos mal. — O chefe da aldeia parecia ter o coração despedaçado pela dor. Torcia as mãos enquanto falava, como se temesse alguma retaliação. — É que... bem, todo o cuidado é pouco. Ouvimos histórias de muita maldade. Achámos melhor vigiar a estrada.

— Ladrões? — indagou Quentin.

Milan ignorou-o e perguntou a um dos seus homens:

— Tu não viste nada?

— Não, nada.

Quentin encolheu os ombros e olhou para Toli, que estudou o rosto dos homens que tinham à frente e permaneceu calado.

— Bem, talvez os nossos receios sejam infundados. Ficais conosco?

— Não, desta vez não. Se puseres à nossa disposição um dos teus excelentes barcos, partiremos imediatamente. Temos de ir para Askelon o mais depressa possível.

O conselheiro da aldeia fitou Quentin com um olhar estranho e entendido e virou-se:

— Vai à frente avisar os da aldeia. Não há nada a temer — ordenou a um dos homens. Depois, acrescentou para Quentin:

— O barco é vosso. Podeis levar o meu, que é o maior de todos. O meu filho acompanhar-vos-á.

— Obrigado pela tua amabilidade — respondeu Quentin. Começaram a caminhar todos juntos.

Passaram pelas habitações simples que se amontoavam ao longo do caminho que seguia até à beira da água. Ao princípio, Quentin ainda viu um rosto fugidio numa janela ou a espreitar de uma porta, mas, quando chegaram ao grande molhe de madeira que servia de embarcadouro para os barcos de pesca da povoação, já a maioria dos habitantes de Malmarby andava nas suas ocupações quotidianas, como se nada de invulgar tivesse acontecido. Muitos deles desceram também até ao molhe e muitos outros saudaram a passagem dos régios viajantes.

Os barcos de Malmarby eram largos, com o feitio de caixas e suficientemente robustos para suportarem a fúria do mais enraivecido dos mares, que, aliás, era coisa que nunca faziam, pois os enormes barcos serviam apenas para bordejar a abrigada enseada de um lado ao outro.

O barco de Milan era mais do que adequado às suas necessidades, mas os cavalos mostraram-se um tanto agitados ao serem guiados a bordo de uma embarcação tão estranha.

Com o filho de Milan, Rol, ao remo da popa, afastaram-se da multidão que se apinhava no molhe. As mãos fortes de Rol manejando o remo depressa os fizeram entrar num canal mais profundo, onde foram empurrados por uma corrente mais rápida. Então,

içaram a pequena vela no mastro atarracado e continuaram a vogar velozmente.

— Onde quereis desembarcar, senhores? — gritou Rol, sentado à popa.

— Onde achares melhor, desde que seja a oeste da muralha. — Quentin calou-se e observou o robusto mocetão de ombros fortes e espessa cabeleira castanha, lembrando-se dos tempos em que o simpático jovem era um rapaz magrinho que corria ao lado do cavalo de qualquer viajante que atravessasse a aldeia, assim como ele e Toli tinham feito tantas vezes.

— De que é que têm medo na aldeia? — perguntou Quentin, aproximando-se de Rol. — O que aconteceu desde a última vez que por aqui passámos?

O jovem encolheu os ombros musculosos e continuou a manejar o remo.

— Não sei. Histórias! Não é preciso muito para aterrorizar uma aldeia tão pequena.

— Que histórias são essas de que falas? De onde vieram? — Toli aproximou-se para ouvir Rol.

— Esta Primavera, apareceram pessoas do Suth a dizer que tinham sido atacadas por demónios, que lhes queimaram as casas.

— Os demónios não queimam casas — observou Toli.

Rol voltou a encolher os ombros.

— Não sei se queimam ou não. Foi o que as pessoas disseram.

— Hum... é estranho. Como eram esses demónios?

— Gigantes e ferozes. Cuspiam fogo pela boca e cada um tinha dez braços com patas em vez de mãos.

— Disseram de onde vieram esses demónios?

— Ninguém sabia. Alguns diziam que vieram do outro lado do mar, para lá do Gerfallon. Outros que lhes viram na testa o sinal da Estrela do Lobo. Se calhar, vieram do céu.

— É uma história esquisita — disse Quentin a Toli quando se afastaram.

— Para que haviam de queimar uma aldeia de camponeses no Suth? — inquiriu Toli. — Não há lá nada e ninguém ganha com isso.

— Sei lá! Há pelo menos dez anos que não acontece nada assim. O reino está em paz. Não nos podemos esquecer de dizer ao rei o que ouvimos.

Rol mostrou ser um excelente marinheiro: ao fim do dia encontravam-se perto do seu destino. Na linha da costa, por cima da água, formara-se uma ligeira neblina que entrava pela enseada. Através da névoa cinzenta, com as sombras alongando-se sobre a terra, viram a superfície plana e escura da Grande Muralha projetando-se nas águas profundas.

Rol fez o barco contornar o indefinido lado da muralha e guiou-o para a costa rochosa. Enquanto passavam por aquela forma imponente, ninguém falou. O chapinhar constante do comprido remo de Rol era o único som que quebrava o silêncio.

Quentin contemplava a névoa enrolando-se em volta da muralha e pensou que, assim, parecia que a grande estrutura flutuava numa espiral de nuvens, enquanto o céu, que escurecia com a aproximação do crepúsculo, parecia ficar duro e sólido como pedra. Mas sobressaltou-se quando ouviu uma pancada surda e sentiu o leve abanão que lhe disse que tinham tocado em terra.

— Ficas connosco esta noite, Rol? Vamos acampar perto do caminho, ali em cima. — Quentin apontou para uma elevação arborizada que orlava a costa. — O Toli vai fazer uma fogueira num instante e, depois, podemos comer qualquer coisa quente.

— Obrigado, senhor. Estou cansado... e com fome. Não sei o que é pior.

— Prestaste-nos um bom serviço. Toma a tua recompensa. — Quentin meteu a mão na bolsa de couro macio que tinha pendurada no cinto. — Um ducado de ouro pelo trabalho e outro pela tua amabilidade.

Estendendo a mão calejada, Rol fez uma profunda vénia:

— É de mais, senhor. Eu não devia aceitar tanto. — Apalpou as moedas de ouro e quis devolvê-las a Quentin.

— Não, ganhaste-as bem. E também ao nosso apreço! Guarda-as e não digas mais nada. Mas, olha! O Toli já está a acampar. Se não nos despachamos, ainda chegamos atrasados ao jantar. Reclinaram-se os

três a conversar em volta da fogueira, enquanto as estrelas surgiam na imensa abóbada celeste. Na costa, a água batia docemente nos seixos macios e arredondados e, nas árvores, uma ave noturna chamava a sua companheira. Os pinheiros altos erguiam-se acima deles e o ar cheirava a vento fresco e a bálsamo.

Quentin, que cabeceava de sono e se deixou adormecer por várias vezes, acabou por desejar boa noite aos companheiros e por se enrolar na sua capa. Toli pôs mais uma acha na fogueira, levantou-se para ir ver os cavalos e foi-se deitar. A julgar pelo ritmo lento e regular da sua respiração, Rol já dormia como uma pedra. Toli espreguiçou-se e ergueu os olhos para o céu, que cintilava com mil luzinhas minúsculas. Ao percorrer os céus com o olhar, teve uma curiosa visão. Por um momento, deixou-se ficar a contemplar o que estava a ver. Depois, virou-se e agachou-se silenciosamente perto de Quentin.

— Kenta... — Abanou docemente o seu amo adormecido. — Kenta, quero que vejas uma coisa.

Quentin virou-se e sentou-se, perscrutando intensamente o rosto de Toli, iluminado de um lado pela luz da fogueira, mas este estava inexpressivo.

— O que foi? Conseguieste ver o Veado Branco?

— Não, não é nada assim tão importante. — Toli ignorou o gracejo. — Pensei que talvez quisesses ver isto... — Conduziu Quentin para um local pouco afastado da fogueira e dos ramos pendentes das árvores.

— Olha para leste... ali, mesmo acima da muralha. Estás a ver?

— Uma estrela? Estou a ver... uma estrela muito brilhante.

— Repara como cintila. Não achas estranho?

— É a Estrela do Lobo. Mas tens razão: está diferente. Que achas? Toli observou a estrela brilhante e acabou por se afastar, dizendo:

— Não sei. Só queria que a visses.

Quentin não ficou satisfeito com esta resposta. Era evidente que Toli escondia alguma suspeita, mas permaneceu calado. E não valia a pena tentar arrancar nada ao Jher até este estar pronto para falar. Quentin pensou que, fosse o que fosse que andasse às voltas naquela cabeça, acabaria por se revelar mais cedo ou mais tarde, mas só quan-

do Toli assim o quisesse. Então, esperaria. Quentin suspirou, voltou a enrolar se na capa e adormeceu.



CAPÍTULO III

A julgar pelo som gorgolejante que enchia o desfiladeiro orlado de rochas, a primeira catarata do Arvin ficava mesmo em frente. Blazer e Ria escolhiam o melhor caminho entre as pedras soltas do chão do desfiladeiro, enquanto Quentin e Toli perscrutavam os elevados penhascos. À sua volta, agigantavam-se denteadas espirais de rocha. Movimentavam-se com cuidado, como se atravessassem a floresta petrificada de um gigante.

Passaram entre dois grandes afloramentos de pedra castanha, sobre os quais se erguia uma grande laje que formava os postes e o someiro de uma ombreira enorme.

— A Porta de Azrael — murmurou Quentin, ao passarem-na rapidamente. Depois, consideravelmente mais alegre, acrescentou: — Olha! A estrada de Eskevar. — Apontou para o outro lado das velozes águas do Arvin, para o ponto onde começava a estrada.

Sem hesitar, Quentin fez avançar o cavalo para dentro da água fria. A rápida corrente bateu contra as patas do animal e molhou o seu cavaleiro até aos joelhos. Quentin sentiu que aquelas picadas geladas eram o tónico para fazer desaparecer o pressentimento opressivo que o assaltava sempre que cavalgava pelo fantasmagórico desfiladeiro que terminava na Porta de Azrael. Mas, com este para trás e com a estrada larga à frente, sentiu que o ânimo lhe voltava.

— Agora já não falta muito — gritou por cima do ombro para Toli, que, naquele momento, entrava, chapinhando, no rio. — Amanhã à noite jantaremos com o Durwin e, no dia seguinte, estaremos à mesa do Rei Dragão.

— Pensava que tinhas pressa — replicou Toli. — Podemos fazer melhor do que isso! — Proferidas estas palavras, bateu com as rédeas

nos ombros de Ria e inclinou-se na sela. O cavalo deu um salto para a frente, fazendo erguer torrentes de água gelada, passou por Quentin, saiu do rio batendo com os cascos no chão e precipitou-se para a estrada.

— Uma corrida! — gritou Quentin para a figura de Toli, que se afastava. Depois, agitou as rédeas de Blazer, que saiu da água e partiu como uma flecha atrás de Toli.

Lá no alto, nos sopés solitários, o som da corrida ecoava e tornava a ecoar de uma rocha nua para a outra. Os seus gritos de júbilo percorriam regatos e fendas e retiniam nos espaços entre as rochas e nas cavernas. Os cavalos quase voavam e os seus cascos arrancavam faíscas do chão de pedra.

Por fim, exaustos e sem fôlego, pararam numa cumeeira. Abaixo deles, os sopés iam desaparecendo em arcos suaves, esbatendo-se na distância brumosa em tons que iam do violeta ao azul. Para sul, erguiam-se os despenhadeiros majestosos e cobertos de neve dos Fiskills, onde os ventos eternos uivavam entre os picos aguçados.

— Ah! — suspirou Quentin, respirando profundamente. — Que vista! É uma terra muito bonita, não é?

— Lindíssima. O meu povo tem uma palavra... acho que nunca ta disse: *Al allira*.

— Não, nunca a tinha ouvido. Que quer dizer?

— Não existe nenhum significado exato na tua língua, mas quer dizer qualquer coisa como «a terra da paz abundante».

— *Al allira*. Gosto. Ajusta-se na perfeição. — Começaram a descer juntos. — E não há dúvida que está em paz. Olha para aqueles vales. Estes últimos anos foram bons. A terra produziu muito. As pessoas estão satisfeitas. Não posso deixar de pensar que o deus abençoou este reino, como recompensa pelos tempos atribulados que passou, quando Eskevar estava afastado do trono.

— Tens razão, têm sido uns anos muito bons. Tempos dourados. Só espero que continuem assim.

Quentin lançou um olhar de lado ao seu companheiro. Os olhos de Toli estavam fixos nalgum horizonte distante. Parecia em transe. Como não queria alterar a boa disposição que reinava, Quentin não perguntou nada, e continuaram a descer a encosta sem falar.

...

O dia seguinte amanheceu limpo e claro, aquecido por um vento suave que soprava de oeste. Já os viajantes se tinham posto a caminho há muito tempo quando o Sol espreitou por cima do Erlemros, o pico mais alto dos Fiskills. Como a estrada lhes facilitava o andamento, forçaram o passo e chegaram às terras baixas cerca do meio dia.

Comeram uma refeição apressada entre pedras cobertas de musgo, à sombra de um antigo carvalho, e recomeçaram a jornada. Ainda não tinham ido longe quando Toli disse:

— Olha ali para a estrada. Temos companhia.

Quentin ergueu o olhar e viu com dificuldade, lá muito ao longe, o que parecia ser um grupo de viajantes caminhando na sua direção. Mal os entreviu, e logo foram escondidos por uma curva da estrada.

— Serão mercadores? — indagou Quentin para si próprio em voz alta. Acontecia muitas vezes os comerciantes que vendiam os seus produtos de cidade em cidade viajarem em grupo, tanto para se distraírem uns aos outros como para se protegerem. — Se forem, compro uma joia para a Bria.

Prosseguindo o seu caminho, Quentin pensou em tudo aquilo de que a sua amada gostaria. Rodearam o flanco de um monte coberto de erva e de flores silvestres escarlates e aproximaram-se do local onde tinham visto os viajantes.

— Que estranho! — observou Quentin. — Já devíamos tê-los encontrado. Talvez tenham parado na estrada, atrás daquele maciço de árvores. — Apontou em frente, para um amontoado de árvores cujos ramos pendiam sobre a estrada, escondendo de vista todos os que estivessem do outro lado.

Cada vez mais perplexos, seguiram em frente.

Quando chegaram às árvores, voltaram a poder ver o fundo da estrada, mas não se distinguiu viva alma.

— Isto é cada vez mais estranho — comentou Quentin.

Toli desmontou e caminhou ao longo da estrada, procurando na poeira quaisquer sinais que pudessem explicar o desaparecimento do grupo que ambos tinham visto com toda a nitidez apenas uns momentos atrás.

Avançaram lentamente. Quentin examinava as árvores, que ficavam do lado direito da estrada. De repente, Toli parou, ajoelhou-se e traçou com o dedo um círculo em volta de umas pegadas impressas na poeira.

— Pararam aqui antes de saírem da estrada... ali. — Apontou para as árvores.

— Quantos eram?

— Isto não chega para dizer. Mas eram homens, mulheres e também crianças.

— Uf! — resfolegou Quentin confusamente. — Porque será que terão ido a correr para o bosque? De certeza que não foi por terem visto dois cavaleiros.

Toli encolheu os ombros e voltou a montar:

— Está aqui mais uma coisa que não podemos esquecer-nos de contar ao rei.

— Pois não.

Ao escurecer, acamparam numa clareira cheia de erva, mesmo ao lado da estrada. O Sol lançava raios cor de rubi através das delicadas nuvens que se moviam graciosamente pela abóbada violeta dos céus. Quentin foi postar-se num campo salpicado de flores amarelas, cujas corolas prenes de pólen lhe roçavam pelas pernas. De braços cruzados no peito e um olhar de sonhadora concentração, contemplou a forma imponente que tinha à frente: no cimo do trilho estreito, que subia como um fio de fumo branco elevando-se do chão, encontrava-se o planalto onde se erguia o Grande Templo de Ariel.

— Confessa que tens saudades da tua antiga casa — disse Toli, aproximando-se por trás.

— Não... — respondeu Quentin com um ar ausente. Depois, mexeu-se e riu-se, fitando os olhos castanho-escuros de Toli. — É como quem tem saudades da sombra quando anda ao Sol. Só estava a pensar no tempo que passei naquele templo. Para mim, foram dias de solidão e frustração, de estudos infundáveis, sem encontrar quem realmente procurava. Não teria dado um bom sacerdote... nunca percebi para que servia ungir a rocha sagrada do templo. Sempre me pareceu que era desperdiçar um óleo muito caro, mas havia quem

achasse que era uma dádiva. E os sacrifícios... as pulseiras de ouro, as taças de prata e os animais muito bem tratados... só serviam para tornar os sacerdotes mais ricos e mais gordos do que já eram.

— Whist Orren quer mais do que pulseiras, taças ou carne. E não vive só nos templos feitos pelos homens, mas nas suas vidas.

— Sim, o Altíssimo oferece aos homens a liberdade; o preço é uma devoção sem limites. Os deuses menores não exigem tanto, mas quem pode conhecê-los? São como neblinas sobre a água: quando o Sol as toca, desaparecem.

Viraram-se e foram acomodar-se para passar a noite. Depois de comerem, Toli pôs os cavalos a pastarem na erva. O crepúsculo envolvia a tranquila clareira com as suas compridas vestes purpúreas.

Quentin deitou-se com a cabeça repousando na sela e observou o céu, coberto de lantejoulas. «As estrelas nunca mudam», pensou. Depois, ainda a formular este pensamento, lembrou-se da conversa que tivera com Toli. Virou a cabeça para leste e viu a estrela estranha e cintilante para a qual Toli lhe chamara a atenção algumas noites atrás.

— A Estrela do Lobo parece mais brilhante — comentou Quentin.

— Tenho andado a pensar o mesmo, Kenta.

— Que diria o sumo sacerdote Biorkis a um presságio assim? Os sacerdotes devem ter as suas explicações.

— Vai lá e pergunta-lhe.

— O quê? Achas que me atrevo?

— Porque não? Que mal tem?

— Nem acredito no que estou a ouvir! O meu servo a dizer-me para procurar um presságio numa fonte impura! Toli, sabes melhor do que ninguém que me afastei de símbolos e de presságios. Sigo um deus diferente... tal como tu.

— Não estou a sugerir que peças um presságio a Ariel nem que renunciés às verdades que aprendeste, mas só que perguntes ao teu amigo de antigamente a sua opinião sobre um acontecimento estranho. Não há mal nenhum nisso. Além disso, Whist Orren, que mantém as estrelas nas suas rotas, por vezes revela a sua vontade através de portentos assim. Quem quer que olhe pode ver o que lá está escrito.

— Tens razão, Toli. O Biorkis ainda é meu amigo. E até me apetece dar um passeio. Anda. — Com passos largos, Quentin atravessou o campo em direção ao carreiro que levava ao templo, e que, banhado pelo luar brilhante, parecia um fio de prata serpenteando pela íngreme encosta acima.

Chegaram ao carreiro e iniciaram a subida em círculos. Enquanto subiam, Quentin contemplava a noite inundada pela luz da Lua. O vale brilhava frouxamente; os contornos das folhas das árvores e as ervas pareciam tecidos em prata. Ao longe, nos montes distantes, as fogueiras dos pastores cintilavam como estrelas caídas na Terra.

Por fim, chegaram ao cimo e entraram no grande pátio branco com pavimento de pedra, em cujo centro se erguia um pilar de pedra trabalhada com uma tocha em cima. A sua chama bruxuleante lançava um amplo círculo de luz em volta da base e refletia-se nas portas fechadas do templo.

— Agora vamos ver se peregrinos assim como nós são bem recebidos à noite — murmurou Quentin.

Atravessaram o pátio e subiram os muitos degraus que iam dar à entrada principal. Quando chegaram às portas enormes, Quentin tirou o punhal da bainha que tinha presa no cinto e bateu com o cabo nas sólidas traves.

Sabia que àquela hora deviam estar todos a dormir e que tinha de esperar que algum sacerdote acordasse. Enquanto esperava, sentiu-se invadido pela estranha sensação de que voltava a ser o magrinho acólito do templo de tantos anos atrás. Por um momento, viu a pedra escura do templo e o pátio banhado pelo luar com os olhos da sua mocidade.

Tornou a bater e ouviu logo um arrastar de pés do outro lado.

— Vai-te embora, peregrino. Volta amanhã. Os sacerdotes estão a dormir — disse a voz abafada do outro lado.

— Há alguém que nos deixará entrar se lhe disseres quem somos.

— Só o sumo sacerdote vos pode deixar entrar.

— Excelente! É ele que procuramos!

— Não, vão-se embora! Voltai amanhã. Não vou acordá-lo agora. Ouviram os passos arrastados afastando-se do outro lado da porta. —

Bem, ele não quer facilitar-nos nada — disse Quentin. — Mas há outra entrada nas traseiras do templo. Já que viemos aqui, vamos tentar.

Movimentando-se como sombras debaixo do alto pórtico do templo, chegaram ao lado virado a sul, sobranceiro ao tranquilo vale. Enquanto andavam, o luar banhava-os com os seus raios oblíquos, que formavam tiras de luz e sombra por baixo das enormes caleiras.

— Ouve — disse Toli. — Vozes.

Quentin parou e pôs a cabeça de lado. O ar parado transportava as vozes que lhes chegavam de um ponto situado lá à frente, um pouco abaixo deles. O som era apenas um murmúrio surdo que mal se reconhecia.

Prosseguiram com mais cautela e as vozes ficaram mais distintas. Dali a pouco, os viajantes estavam agachados atrás das imensas colunas do templo, observando um pequeno círculo de homens de vestes compridas inclinados sobre um objeto brilhante.

— Estão a estudar as estrelas — comentou Quentin, muito excitado. — E olha para aquele do meio. Parece-me que o conheço. Com toda a ousadia, Quentin saiu da sombra da coluna e desceu alguns passos em direção ao grupo. Inspirando profundamente, disse em voz alta:

— Sacerdotes de Ariel, recebeis dois peregrinos curiosos?

Os sobressaltados sacerdotes viraram-se rapidamente e observaram as figuras de dois jovens encaminhando-se para eles.

O sacerdote que estava no meio dos outros deu um passo em frente e respondeu:

— Os peregrinos são sempre bem vindos ao santuário de Ariel, mas a maioria prefere fazer as suas oferendas à luz do dia.

— Não viemos fazer oferendas nem perguntar nada ao deus Ariel, mas sim a um sacerdote.

— Os sacerdotes são apenas servos do seu deus; é ele que declara a sua vontade.

— Nós também não queremos o interesse do deus por qualquer coisa que nos possa ter acontecido — replicou Quentin, aproximando-se do sacerdote. — Naquele momento, já conseguia ver completamente o rosto do homem à luz do luar, e sabia que estava em frente

do seu antigo protetor. — Queremos falar contigo de homem para homem.

Quentin sorriu quando um leve clarão de reconhecimento iluminou a cara do sacerdote.

— O meu coração diz me que devia conhecer-vos, senhor — disse lentamente o sumo sacerdote. Os seus olhos de velho procuravam nas feições do jovem alguma pista que lhe indicasse quem era a pessoa com quem falava. — Mas não me vem aos lábios nenhum nome. Já nos conhecemos?

Quentin aproximou-se mais e pousou as mãos nos ombros arredondados do sacerdote.

— A vida de um sacerdote é assim tão ocupada que nem lhe dá tempo para recordações?

— As recordações não andam pelos pátios dos templos à noite nem se encontram cara a cara com aqueles que as têm.

— Então talvez te lembres disto. — Quentin meteu a mão na bolsa que trazia à cintura e tirou uma moeda de prata, que estendeu ao sacerdote.

— Esta moeda é do templo. Então deveis ser...

— Tu próprio me deste essa moeda há muitos anos, Biorkis.

— Quentin? És o Quentin, o acólito? — perguntou precipitadamente o ancião.

— Sou. Voltei para te ver, meu velho amigo... foi sempre assim que te considereei.

— Mas como mudaste e te fizeste homem! Vejo que estás bom. O que te traz aqui hoje?

Os outros sacerdotes olhavam para esta reunião com um ar de interrogação, aproximando-se mais para verem quem seria aquele desconhecido.

— Podemos falar a sós? — indagou Quentin. — Tenho uma coisa para te perguntar.

Afastaram-se os dois, seguidos de perto por Toli. Os sacerdotes juntaram-se a murmurar o seu espanto e a falar entre eles.

— O teu nome espalhou-se pela terra — disse Biorkis, enquanto se encaminhavam para um afloramento rochoso situado de um dos lados do planalto.

— Sim? Aqui também se ouvem esses contos?

— Ouvimos o que queremos ouvir. Os camponeses não se cansam de nos trazer informações. Algumas são úteis. Mas tu és conhecido como o príncipe que salvou o Rei Dragão e derrotou o monstruoso feiticeiro Nimrood.

— Não fui eu que derrotei o Nimrood, e sim aqui o Toli, meu servo e meu amigo.

Biorkis fez uma vénia para Toli e indicou que deviam sentar-se todos nas rochas.

— Também dizem que estás a construir uma cidade nas Terras Selvagens, que se ergue por magia das pedras do chão.

— Mais uma vez, não se deve a mim. Dekra só é a minha cidade porque os gentis Curatak me deixaram participar no seu trabalho para lhe devolver a sua antiga glória.

— Quem o diz são as pessoas, não sou eu. Quanto a mim, suponho que a verdade destas histórias se encontra no coração... como o caroço de um damasco. Mas, pelo menos, vou sabendo que o meu antigo acólito está bem e que é muito estimado pelos seus conterrâneos. Mas porque me procuraste agora? Durante estes anos, as portas do templo não estiveram fechadas para ti.

— Viemos saber a tua opinião sobre uma coisa que vimos. — Quentin virou-se para leste e apontou para lá do vale tranquilo e banhado pela lua. — Aquela estrela que nasce ali. A Estrela do Lobo. Não tem mudado ultimamente? Os sacerdotes detetam algum aumento do seu poder?

— Portanto, não renunciaste completamente aos teus estudos. Continuas a procurar sinais nos céus noturnos.

— Não, tenho de admitir que já não estudo as estrelas. Foi o Toli que me chamou a atenção para isto aqui há umas noites.

— O teu Toli tem razão. De facto, há muitos meses que seguimos esta estrela com interesse. Esta noite, como viste, estávamos mais uma vez a examinar as cartas, procurando uma resposta para este mistério.

— Então não sabes o que pressagia este sinal?

— Alguma vez se sabe? — Biorkis riu-se. — Porque é que fazes um ar tão chocado? Um sacerdote pode ter dúvidas... até o sumo

sacerdote as pode ter. Mas temos as nossas teorias. Sim, muitas teorias.

— Foi isso que viemos ouvir: as vossas teorias. O que é que achas que significa.



CAPÍTULO IV

Durwin percorria apressadamente os corredores escuros do castelo de Askelon, varrendo o chão com as suas compridas vestes castanhas. Tinha o caminho iluminado por tochas, cujas chamas bruxuleavam com a agitação do ar que Durwin provocava ao passar apressadamente por elas. À sua frente, via duas portas abertas para um pedaço do céu noturno, banhado pelos brilhantes raios da Lua.

Atravessando a soleira, entrou na varanda e parou. Ali, a alguns passos dele, encontrava-se a silhueta delgada de uma mulher, cujo cabelo escuro, perpassado de reflexos, caía em cascatas de anéis e caracóis, e cujo rosto erguido revelava a beleza do seu pescoço esbelto e bem modelado. Envergava um vestido branco e largo, preso na elegante cintura por uma comprida fita azul que quase tocava no chão.

— Vossa Majestade — disse Durwin, anunciando-se suavemente. — Estou aqui.

A mulher virou-se e sorriu.

— Meu bom Durwin, obrigado por teres vindo tão depressa.

— Bria... Pensei...

— Pensaste que eu era a rainha, bem sei. Mas fui eu que pedi para cá vires.

— Pareces-te tanto com a tua mãe assim com a luz da Lua a bater-te no cabelo...

— Isso para mim é o melhor dos cumprimentos, bom amigo. Mas deves estar cansado da jornada. Não vou demorar-te muito, mas tenho de falar contigo. Senta-te, por favor.

Levantou o braço, indicando-lhe um banco de pedra ali perto.
Durwin pegou-lhe na mão e caminhou com ela ao longo da varanda.

— Está uma noite linda, não está? — perguntou.

— Está... muito bonita. — A jovem falava como se só naquele momento tivesse descoberto que era de noite. O eremita percebeu que ela tinha qualquer coisa que a inquietava.

— Preferia não te ter incomodado, mas achei que ninguém podia ajudar-me melhor. O Theido partiu e Ronsard foi com ele.

— Não faz mal, senhora. Fico muito contente por saber que este velho eremita ainda pode ser útil aos habitantes do castelo de Askelon. Se soubesse, tinha vindo mais cedo... o teu mensageiro ainda perdeu algum tempo à minha procura. Eu andava na floresta a apanhar ervas para tratar a mulher doente de um camponês que mora ali perto.

— Eu sabia que vinhas logo que pudesses. Eu... — A princesa interrompeu-se, incapaz de dizer o que lhe ia pelo coração.

Durwin ficou à espera e, depois, disse:

— O que se passa, Bria? Podes falar à vontade. Sou teu amigo.

— Oh, Durwin! — As mãos tremeram-lhe e deixou cair a cabeça. Enterrou o rosto nas mãos, e ele pensou que ia chorar. Mas ela inspirou profundamente e ergueu o rosto para a Lua, com os olhos enxutos. Nesse momento, a jovem lembrou-lhe mais do que nunca uma outra mulher que tinha uma imensa força interior em tempos de aflição: a rainha Alinea.

Por fim, Bria falou:

— É o rei. Oh, Durwin, estou muito preocupada. Nem parece o mesmo. Acho que está muito doente, mas não quer ser visto por nenhum dos seus médicos. Ri-se de mim sempre que lhe sugiro que cuide da sua saúde. A minha mãe também anda preocupada, mas não pode fazer nada. E há outra coisa.

Durwin ficou pacientemente à espera que ela continuasse.

— Não sei o que é... algum problema, algures. — Virou-se e fitou o eremita com um sorriso que, embora lhe suavizasse a boca, não lhe iluminou o olhar, como normalmente acontecia. — O Quentin vem aí.

— Eu sei. Daqui a umas semanas. Vamos todos celebrar juntos o Dia do Meio do Verão.

— Não, ele vem agora. o rei Eskevar mandou-o chamar. Mesmo sabendo que ele viria para o Dia do Meio do Verão, o meu pai mandou um mensageiro especial para o ir buscar. É por isso que sei que alguma coisa se passa.

— Pode ser que ele queira vê-lo mais cedo... por capricho. — Bria sorriu novamente.

— Muito obrigado pelas tuas palavras, mas conheces o Rei Dragão tão bem como eu. Não faz nada por capricho. Tem qualquer razão para o querer aqui. Mas nem desconfio do que possa ser.

— Então, vamos esperar e logo veremos. Quando é que o Quentin chega?

— Se partiu logo que recebeu a mensagem, deve estar aqui depois de amanhã... ou, no máximo, no dia a seguir.

— Isso quer dizer que a espera não será muita, vais ver. Entretanto, vou tentar descobrir o que aflige o rei... tanto fisicamente como no espírito. Farei tudo o que puder ser feito. Não te preocupes mais, senhora.

— Obrigado, bom amigo. Não lhes dizes que te mandei chamar?

— Se preferes que não, digo-lhes que me cansei dos livros e das mezinhas e que queria o calor do convívio com os meus amigos. Vim mais cedo para a celebração, pronto.

— Já me sinto melhor por saber que estás aqui.

— Fico satisfeito com isso, mas tenho a certeza de que preferias que um certo jovem estivesse no meu lugar.

Bria sorriu e, desta vez, os seus profundos olhos verdes cintilaram.

— Não o posso negar. Mas não me importo de esperar. De certo modo, é bom saber que ele vem mais cedo.

Falaram mais um pouco e, depois, levantaram-se e Bria desejou uma boa noite a Durwin. Este acompanhou-a à porta que dava para dentro do castelo e virou-se para vaguear sozinho pela varanda.

Apoiando os braços no parapeito, inclinou-se para ver os jardins e descortinou uma figura solitária passeando entre os canteiros de rosas cor de rubi, que o luar tornava azuis. Não sabia quem poderia

ser, mas, a julgar pela maneira como vagueava, era óbvio que o caminhante se deixara apanhar pela melancolia: inclinava-se para a frente e cruzava os braços, parava e recomeçava a andar.

Durwin continuou a olhar, até que a figura pareceu pressentir que estava a ser observada: parou, endireitou-se e virou-se rapidamente para a varanda. Durwin afastou-se, não sem antes ver o que já tinha adivinhado. No momento em que o rosto se voltara, o luar iluminara o e Durwin certificara-se de que pertencia a Eskevar, o Rei Dragão.

A barba branca, comprida e entrançada de Biorkis, símbolo da sua ocupação, luzia ao luar como uma brilhante cascata gelada. O seu rosto enrugado, ainda redondo e rechonchudo como sempre, parecia uma lua mais pequena que refletia a sua luz para um progenitor maior. Biorkis contemplou o céu durante muito tempo. Por fim, disse:

— Pode ou não ser qualquer coisa. Os céus estão cheios de sinais e portentos, e nem todos têm a ver com os homens.

— Se pensasses isso ias estudar as estrelas à noite?

— Não, provavelmente não. Mas este fenómeno é muito estranho. É um sinal que só se vê uma vez na vida... ou que talvez nunca se veja. Para além de qualquer significado que o seu estudo possa vir a revelar, é sempre útil registar o que se passa.

— Não estás a querer responder-me, Biorkis. Porquê? Claro que todos podemos ver a estrela e pensar o que quisermos.

Uma expressão de grande fadiga apareceu no rosto do sumo sacerdote, que se virou para fitar Quentin:

— Tanto quanto sei, esta estrela é um sinal do mal. — Falara com simplicidade e suavidade, mas as suas palavras gelaram o sangue de Quentin, a quem pareceu que o ar arrefecera subitamente.

Quentin tentou aligeirar o comentário de Biorkis:

— Os presságios são sempre bons ou maus, conforme quem os lê.

— Pois, mas quanto maior for o sinal maiores serão as suas consequências. E este sinal é muito grande... imenso.

Quentin ergueu os olhos para leste e mirou a estrela atentamente. Era verdade que estava brilhante, mas havia outras estrelas que bri-

lhavam quase tanto como ela. Voltou a fitar Biorkis com uma interrogação no olhar.

— Só ainda agora começou a mostrar-se — disse o sumo sacerdote, respondendo àquele olhar. — Fica mais brilhante a cada noite que passa, assim como o mal que pressagia.

— Sabes qual é a natureza desse mal?

— O mal é o mal. Que interessa? De qualquer modo, o sofrimento vai ser muito. Inundações, fome, peste, guerra... é tudo o mesmo: destruição.

— Dizes bem. É verdade. Mas, se souberem de onde virá, os homens podem fazer muito para enfrentarem esse mal.

— Aí entram as nossas teorias. Alguns dizem que a estrela vai crescer até encher o céu, tapando o Sol, a Lua e as estrelas. Depois, toca na Terra e semeia a insanidade, antes de consumir tudo pelo fogo. Outros dizem que cada nação tem uma estrela e que esta Estrela do Lobo representa uma nação feroz e brutal que se ergue contra outras nações e tenta eliminá-las com o seu poder. Outros ainda consideram isto o princípio do fim da humanidade na Terra. Esta estrela é o símbolo de Nin, o deus destruidor, que faz descer os seus exércitos para lutarem contra as nações da Terra.

— E tu, Biorkis, que dizes tu?

— Acredito que todos têm razão. A verdade há-de ser composta por parte de cada uma destas suspeitas.

— E quando é que essa verdade se tornará evidente?

— Quem sabe? Muito do que é pressagiado nunca chega a acontecer. As nossas melhores adivinhações não passam de resmunguices de cegos. — Biorkis virou a cara. — Nada é certo — rematou baixinho. — Nada é certo.

Levantando-se, Quentin encaminhou-se para o ancião e pousou-lhe uma mão no ombro.

— Anda connosco. Já viveste o suficiente para veres os deuses como eles são. Deixa-nos mostrar-te um deus digno da tua devoção, o Altíssimo, Senhor de Tudo. Nele encontrarás a paz que procuras. Uma vez, disseste-me que buscavas uma luz mais brilhante.

Biorkis fitou-o com um ar cansado.

— Ainda te lembras disso?

— Disso e de mais. Lembro-me que eras o único amigo que eu tinha no templo. Anda connosco e deixa-nos mostrar-te a luz que procuras há tanto tempo.

Biorkis suspirou, e foi como se toda a terra gemesse de uma imensa exaustão.

— Estou velho, velho de mais para mudar. Sim, estes olhos procuraram a verdade que lhes foi negada. Sei que é em vão que sirvo estes deuses menores, mas sou o sumo sacerdote. Não posso ir convosco. Houve, talvez, uma altura em que pude afastar-me, como o Durwin ou como tu... mas já passou. Agora é muito tarde.

Quentin olhou tristemente para o seu velho amigo.

— Tenho pena.

Toli levantou-se e afastou-se. Quentin virou-se e olhou para trás, na direção de Biorkis, que permanecia empoleirado numa rocha, contemplando o tranquilo vale.

— Não é tarde de mais. Basta-te procurares e logo o encontrarás. A decisão é tua.

Sem uma palavra, Quentin e Toli desceram lado a lado o trilho sinuoso. Quando chegaram ao campo e à fogueira, cujas brasas luziam frouxamente, Quentin perguntou:

— Sabias que a estrela era um sinal do mal, não sabias?

— Sabia. Sempre pensei isso.

— Mas sugeriste que fôssemos ao templo. Porquê?

— Quis ouvir a opinião de outros sábios. Apesar de todas as suas incertezas espirituais, os sacerdotes não deixam de ser homens de grande sabedoria.

— E o Biorkis confirmou os teus piores receios?

— O Biorkis falou do que pode acontecer, não do que vai acontecer. Isso só o Deus Altíssimo o sabe. A sua mão está sempre estendida para os que o servem.

— Então, se as especulações do Biorkis estiverem certas, vamos precisar dessa mão forte muito em breve.



CAPÍTULO V

A Terra move-se por meio de estádios, épocas. As lendas antigas falam de estádios anteriores da Terra... de quatro, pelo menos. Vivemos na quinta idade do homem. Cada idade faz o seu percurso e, depois, dá lugar a outra idade. — Durwin pousou as mãos na mesa. Quentin, com o queixo apoiado nas mãos, fitava o santo eremita com uma atenção extasiada. Encontravam-se nos aposentos de Durwin. À sua volta, as velas bruxuleavam e enchiam o quarto de um brilho enevoado e amarelo. — Estas idades podem durar mil ou dez mil anos. Claro que ninguém pode saber a sua duração, mas os antigos acreditavam que o mundo é lançado num grande turbilhão antes do fim de cada idade. Iniciam-se grandes migrações de pessoas, nações em guerra levantam-se contra nações, os céus estão cheios de sinais e de portentos. Depois, vem o dilúvio: a Terra inteira é inundada ou coberta de gelo. Então, o fogo incendeia a Terra e apaga todos os sinais da idade anterior. É um tempo de caos e trevas, grandes cataclismos e morte. Mas de tudo isto surge uma nova idade, melhor e superior à anterior.

Enquanto Durwin falava, Quentin sentiu-se invadido por uma fantasmagórica sensação de fascínio. Tentando libertar-se dela, indagou:

— Mas a Terra tem de ser completamente destruída para nascer uma nova idade?

Durwin meditou na pergunta, mas, antes de abrir a boca para falar, Toli respondeu:

— Entre o meu povo, existem muitas histórias dos tempos anteriores a este. Diz-se que os Jher surgiram na terceira idade, quando o mundo era ainda muito jovem e os homens falavam com os animais e viviam em paz uns com os outros. São lendas muito antigas, cuja origem é anterior ao mais velho dos nossos contadores de histórias. Mas diz-se que a destruição do mundo pode ser evitada por um

grande feito, embora não se saiba qual. Conta-se que Tilgal, o filho do Fazedor de Estrelas, salvou o mundo na segunda idade, amarrando os seus cavalos à quadriga do pai e levando Morhesh, o Grande Senhor do Mal, depois de o ter ferido com um punhal feito de um único raio de luz. Como o atirou para o Poço da Noite, a estrela de Morhesh extinguiu-se e a Terra não ardeu.

Durwin assentiu prontamente:

— É verdade! Como eu ia a dizer, crê-se que nem todas as idades têm de acabar em calamidade. A destruição pode ser minimizada ou completamente evitada... em geral, por um ato de heroísmo, um sacrifício supremo ou o aparecimento de um líder poderoso, que conduza a humanidade para a nova idade.

— Acreditas nisso? — perguntou Quentin.

— Acredito que o que aconteceu no passado aconteceu mesmo. Os que o testemunharam explicaram-no o melhor que podiam, com as palavras e as ideias de que dispunham. Claro que há muito por esclarecer, mas é estranho que todas as raças tenham memórias deste tipo no seu passado.

Inclinando-se para a frente, Quentin pousou os cotovelos na mesa e enclavinhou os dedos das mãos uns nos outros.

— Quer dizer, acreditas que a estrela que vemos no céu é um indício do fim desta idade?

Durwin esticou o queixo e coçou-o. Lançando a Quentin uma rápida mirada com os seus olhos pretos, sorriu subitamente.

— Sim, acredito que se aproxima uma nova idade como o mundo jamais conheceu. Um tempo de grandes convulsões e mudanças. E eu não acredito que haja mudanças sem lutas e sofrimento. É assim!

— Isso tudo parece-me muito sinistro — admitiu Quentin.

— Não deves pensar na dor — retorquiu Toli. — Pensa antes na maior glória da nova idade.

Toli e Quentin haviam cavalgado de Narramoor até à cabana de Durwin, na floresta de Pelgrin. Como tinham ido depressa, haviam chegado ao fim da tarde, na altura em que o Sol se escondia por trás das copas das árvores.

— O Durwin não está em casa — disse Toli ao aproximarem-se da cabana. Depois de terem olhado em volta, Quentin entrara lá dentro e voltara sem pistas que lhes indicassem onde estaria o eremita. — Pode ter saído por pouco tempo, se calhar para tratar alguém aqui perto. Talvez volte ao cair da noite, mas não me parece. Tem o saco de remédios lá dentro, mas a capa e a bolsa não. Por isso, tinham decidido cavalgar durante a noite, e haviam chegado às imponentes portas de Askelon quando a Lua desaparecia a oeste. Não querendo perturbar os criados nem acordar o rei e a rainha, tinham-se dirigido para os aposentos reservados a Durwin sempre que este se encontrava no castelo. Aí, para sua surpresa e satisfação, tinham encontrado o eremita afundado na sua cadeira, com um pergaminho enrolado no regaço. Dormia tão profundamente que até ressonava.

Depois de terem entrado, e apesar das tentativas para não fazerem barulho, Durwin despertara e saudara-os calorosamente:

— Cavalgastes toda a noite! Deveis estar com fome. Vou buscar à cozinha alguma coisa para comerdes.

Sáira depressa, com uma vela na mão, enquanto Quentin e Toli tiravam as capas e mergulhavam as mãos na água da bacia, tentando lavar a fadiga. Exaustos, tinham-se então acomodado numas cadeiras e passado pelo sono até que Durwin voltara com pão, queijo e fruta que roubara da despensa.

— Pronto, sentai-vos a esta mesa e comei enquanto eu vos conto o que tenho feito desde a última vez que nos encontrámos. — Durwin falara-lhes dos seus estudos e do seu trabalho de curandeiro entre os camponeses e Quentin informara-o da audiência com Biorkis e da sua discussão sobre a estrela que brilhava mais de noite para noite.

Tinham falado muito e até tarde. Por fim, haviam-se levantado da mesa e acomodado nas cadeiras para dormir. Nesse preciso momento, ouvira-se alguém bater muito levemente à porta de Durwin.

— Durwin, parece-me que tens visitas. Costumas receber assim tão tarde? — indagara Quentin.

— Como muito bem sabes, nem sequer uma pessoa eu esperava nos meus aposentos esta noite e, afinal, encontro duas. Por isso, a

partir de agora, tudo é possível. Abre a porta e deixa-os entrar, se faz favor.

Quentin encaminhara-se para a porta e abrira-a, sem estar preparado para ser saudado como fora.

— Quentin, meu amor! Estás aqui! — Quentin abrira instantaneamente os braços para erguer uma jovem de vestido comprido branco, de lã, e enterrara o rosto no seu cabelo.

— Bria! Até agora, nem sabia como tinha saudades tuas!

Os dois apaixonados tinham-se apertado num longo abraço e haviam-se afastado subitamente ao terem-se lembrado de que não estavam sós. Quentin voltara a pousar a sua dama no chão e arrastara-a para dentro do quarto. Durwin e Toli olhavam-nos e sorriam.

— O que te traz tão tarde aos aposentos deste eremita? — perguntara Quentin em tom de brincadeira.

— Ia a passar lá fora e ouvi vozes. Pareceu-me que uma delas era tua, meu amor.

— Ah! Os teus lábios dão a resposta que os meus ouvidos querem ouvir. Mas olha, tenho muito para te contar. Aconteceu muita coisa desde a última vez que estive contigo.

— Mas não será aqui! — replicara Durwin. — Daqui a pouco, neste quarto só vai ouvir-se o ressonar dos que querem dormir! Meus pombinhos, vão arrulhar para outro lado! — Sorrira alegremente e enxotara-os para fora da porta.

Quentin e Bria tinham percorrido de mãos dadas o corredor mergulhado na escuridão e haviam saído para a mesma varanda onde a princesa e Durwin tinham estado apenas uma noite antes.

Ao abrir a porta da varanda, Quentin dera com a luz fraca de um céu incandescente. A leste, os dedos carmesim da madrugada erguiam-se para o céu, mas, como o Sol se demorava atrás da linha do horizonte, ainda se viam uma ou duas estrelas.

— Tive saudades tuas, meu querido — suspirara Bria. — O meu coração tem chorado a tua ausência.

— Agora estou aqui contigo. É quando estou a teu lado que me sinto mais feliz.

— Mas vais partir outra vez... temo que bem depressa. O meu pai tem uma tarefa para ti, e ficaremos novamente separados.

— Sabes o que é?

Bria abanara a cabeça.

— Então como sabes que vou partir tão de repente?

— Uma mulher sabe...

— Nesse caso, teremos de tornar ainda mais doce cada momento que passemos juntos. — Dizendo isto, Quentin puxara-a suavemente e beijara-a. Ela rodeara-o com os braços e pousara a cabeça no seu peito.

Quentin contemplava o plácido céu vermelho róseo, que se iluminava e adquiria um tom dourado. A subtil alquimia da madrugada parecia ter transformado por magia as pedras das imponentes muralhas do castelo de Askelon, que luziam como ouro polido.

— Quentin... — começara Bria, num tom de voz fraco e assustado. — Que se passa? Tenho medo, mas não sei de quê. O rei guarda os seus pensamentos para si próprio e não quer ver ninguém. E quando quero saber dos assuntos do reino, sorri, dá-me palmadinhas na mão e diz-me que uma princesa só deve pensar em coisas felizes e não se preocupar com questões mundanas. Ando inquieta por causa dele. Oh, Quentin, quando o vires, vais perceber o que quero dizer... ele não está bem. Anda pálido e abatido. Tem qualquer preocupação a afligi-lo. Nem eu nem a minha mãe sabemos o que havemos de fazer.

— Acalma-te, Bria, meu amor. Se eu puder fazer alguma coisa para o aliviar, garanto-te que não me pouparei a esforços. E se os remédios puderem curá-lo, o Durwin tratará disso. No entanto, devo confessar que também ando inquieto, mas não é por nada que se explique assim tão facilmente... quem me dera que fosse! Dava uma fortuna a quem acalmasse o turbilhão que sinto crescer em mim. Vêm aí problemas, Bria. Sinto-o, embora tudo à minha volta me pareça sereno e em paz. Assusto-me com as sombras e a noite não me traz descanso; é como se o próprio vento me sussurrasse palavras de alarme aos ouvidos, mas não ouço nenhum som.

Bria suspirara profundamente e apertara-o com mais força.

— O que se passa? O que é que vai ser de nós, meu querido?

— Não sei. Mas garanto-te uma coisa: hei-de amar-te para sempre.

Tinham-se mantido abraçados durante algum tempo, enquanto o Sol nascia e enchia o céu com a sua luz dourada.

— Olha como o Sol expulsa as trevas. Tal como ele, também o amor há de afastar de nós todos estes problemas, garanto-te.

— Achas que o amor consegue tanto? — perguntara Bria sonhadamente.

— Consegue tudo.



CAPÍTULO VI

Meu bom Theido, acho que devemos regressar. Já viemos longe de mais e é tempo de voltarmos a Askelon. Daqui a pouco o rei vai pensar que desaparecemos, se é que isso não aconteceu já.

— Mas ainda não vimos o que viemos ver: o inimigo, se de facto existe algum. Se voltássemos agora, estaríamos a ser descuidados. A nossa tarefa não está completa.

Ronsard estava inclinado na sela, com uma mão pousada na maçaneta e a outra atrás, massajando o fundo das costas.

— Se não desmonto depressa deste cavalo, posso nunca mais voltar a andar.

— Desde quando gostas de andar? O comandante chefe do Reino devia dar melhor exemplo aos seus homens — gracejou Theido, voltando-se na sela para lançar um olhar aos quatro cavaleiros que os seguiam.

— Os meus homens conhecem-se bem — retorquiu Ronsard. — Mas não estou a brincar quando digo que devemos voltar imediatamente. Não é de ânimo leve que se faz esperar um rei.

— Nem é próprio levar-lhe informações inúteis. Os seus propósitos seriam tão frustrados de uma maneira como da outra. — Theido virou o cavalo e aproximou-se de Ronsard. — Mas eu digo-te o que vamos fazer, para não ouvir mais as tuas queixas: mandamos um ca-

valeiro para trás com o encargo de comunicar o que descobrimos até agora e de informar da nossa intenção de continuarmos até estarmos satisfeitos.

— Muito bem. Manda também dizer que regressaremos o mais cedo e o mais rapidamente possível, com um relatório completo.

— De acordo. — Theido virou o rosto queimado pelo Sol na direção do local onde os cavaleiros esperavam, descansando as suas montadas, antes de prosseguirem a jornada. — Martran! Anda cá! — chamou.

O cavaleiro aproximou-se dos seus chefes a pé e saudou-os.

— Martran, vais imediatamente ter com o rei e transmitir-lhe esta mensagem: continuamos a nossa missão e lamentamos o atraso. Diz-lhe também que regressaremos logo que tivermos obtido aquilo que procuramos ou que pudermos ter respostas satisfatórias para lhe dar. Compreendes?

— Sim, meu senhor — replicou vivamente o cavaleiro.

— Repete a mensagem — ordenou Ronsard.

O cavaleiro repetiu a mensagem palavra por palavra, dando à voz a mesma inflexão de Ronsard.

— Muito bem — aprovou Ronsard. — Põe-te a caminho. Não pares por nada nem por ninguém.

O cavaleiro tornou a saudá-los, regressou para junto do cavalo, montou e partiu imediatamente, sem olhar para trás.

— Agora — disse Theido, abanando as rédeas impacientemente — , vamos em frente.

Ronsard ergueu-se na sela e gritou para os restantes cavaleiros:

— Montai! A caminho!

Desde que tinham partido de Askelon que cavalgavam para sul, primeiro na direção de Hinseny e, depois, ao longo da costa, que se inclinava para a região de Suth de Mensador. No caminho, haviam passado por Persch e por um grupo de aldeias cujos nomes não apareciam mencionados em nenhum mapa.

Naquele momento, aproximavam-se de uma faixa rochosa da costa, cujos íngremes penhascos se erguiam à beira mar. Era a extremidade mais a sul dos montes Fiskills. Os despenhadeiros desciam para o mar e a terra abatia, como se tivesse sido dividida pelo golpe

de um machado. O mar estava juncado de imensas rochas denteadas, algumas delas do tamanho de ilhas, mas que, apesar das suas dimensões, se projetavam nuas e sem vida acima das ondas, servindo apenas de poleiro para milhares de aves marinhas, que enchiam o ar com os seus gritos.

Um trilho estreito e traiçoeiro subia através dos penhascos e retorcia-se entre os picos rochosos. Ora passava por um desfiladeiro tão estreito que um homem de braços estendidos podia tocar em ambas as paredes de rocha, ora ia dar a um penhasco nu, onde um único passo em falso faria cavalo e cavaleiro caírem às cambalhotas na espuma do mar enraivecido.

Pararam.

— Acho que o melhor é passarmos a noite aqui. Não confio naquele trilho à noite; já é suficientemente mau à luz do dia.

— Está bem — concordou Ronsard. — Parece-me que também prefiro percorrê-lo logo de manhã.

Afastando-se um pouco do trilho, começaram a levantar o acampamento para passarem a noite. O Sol deslizava por trás do horizonte escuro do mar e os pássaros esvoaçavam para os seus poleiros rochosos, fazendo o crepúsculo estremecer com os seus gritos barulhentos.

Dali a momentos, a Lua elevou-se no céu, banhando a paisagem com a sua luz pálida. Os homens, cansados, dormitavam e conversavam em voz abafada.

— Ouvi! — exclamou Ronsard abruptamente. Fez-se silêncio, e todos se puseram a escutar a doce brisa do mar. O único som que lhes chegou aos ouvidos foi o longínquo enrolar das ondas batendo contra as rochas e lambendo os penhascos.

Theido lançou um olhar de interrogação ao seu velho amigo.

— Oh, se calhar não foi nada — disse Ronsard, que, no entanto, continuava a perscrutar a noite atentamente, como se esperasse que o som se repetisse.

Dali a pouco levantou-se e, com um ar inquieto, pôs-se a percorrer o acampamento, do lado de fora do círculo de luz projetado pela fogueira. Depois, deu uns passos ao longo do caminho e ficou muito tempo a olhar para o trilho entre os penhascos. Theido, que o obser-

vava intensamente, não ficou surpreendido quando viu o musculoso cavaleiro regressar a correr.

— O que se passa?

— Vem aí alguém! Ali em cima, nos penhascos... tenho a certeza! — Num sussurro áspero, ordenou aos seus cavaleiros:

— Apagai a fogueira e levai os cavalos para mais longe. Escondei-vos e ficai à espera de um sinal meu!

O pequeno acampamento ficou deserto num abrir e fechar de olhos. Nenhum sinal indicava que, apenas uns momentos atrás, tinham estado ali cinco cavaleiros.

Ronsard e Theido sentaram-se à espera, no escuro, ao lado do caminho, escondidos atrás de um maciço baixo de filitos. Em pouco tempo, começaram a ouvir-se os sons fracos de um grupo de pessoas correndo, tentando desesperadamente passar sem serem vistas: o matraquear de uma pedra deslocada por descuido, o chiar abafado de uma roda, um ataque de tosse.

Depois, à medida que se aproximavam, as sombras escuras começaram a distinguir-se, recortando-se no céu noturno. Vinham a pé, e havia sombras mais pequenas entre as maiores. Mais do que caminhando em fila ao longo do trilho, apinhavam-se umas contra as outras, formando como que um nó apertado. Era evidente que temiam mais a separação do que a deteção.

— Não é nenhum exército — murmurou Ronsard entre dentes. Respirando devagar, acrescentou: — Mas agora temos de descobrir quem são e porque se arriscaram a passar os penhascos à noite... exatamente o que nós evitámos fazer.

— Nós tínhamos alternativa, e se calhar eles não — replicou Theido.

Ronsard endireitou-se e avançou para perto do trilho, parando em frente do caminho do cabecilha dos viajantes noturnos. Quando o homem se aproximou, Ronsard disse em voz alta e firme:

— Pára, amigo! Em nome do Rei Dragão!

Ouviu-se um guincho e uma praga abafada, vindos do meio do grupo. Mas o homem parou imediatamente e olhou em volta, procurando a origem daquela ordem inesperada. Ronsard deu uns passos em frente e o luar bateu-lhe em cheio no rosto. Sorrindo, levantou os

braços, mostrando aos assustados viajantes que não queria fazer-lhes mal.

— O q... que é que q... ueres? — conseguiu gaguejar o homem que vinha à frente.

— Só quero falar convosco. Não vou deter-vos por muito tempo.

— Ronsard continuava a falar na mesma voz firme e num tom suficientemente alto para todos ouvirem.

— Quem és tu?

— Sou o comandante-chefe de Mensandor — respondeu Ronsard. — Quem sois vós e para onde correis à luz da Lua?

— Senhor! — arquejou o homem com alívio. — Não estais a brincar? Sois mesmo um homem do rei?

— Às vossas ordens! Que se passa?

A estas palavras, as pessoas do grupo avançaram precipitadamente e rodearam Ronsard, como se procurassem a proteção do seu título, que era como um escudo sobre as suas cabeças. Toda a gente começou a falar em voz alta.

Theido gatinhou para fora do seu esconderijo e foi pôr-se ao lado de Ronsard, que levantou as mãos e pediu silêncio.

— Parece-me que é melhor ouvir a história de uma só boca de cada vez. Tu és o chefe do grupo. — Apontou para o homem com quem tinha falado primeiro. — Começa tu.

Ao luar, o rosto do homem apresentava-se pálido, mas Theido ficou com a impressão de que também estaria pálido à luz do dia. Nas suas feições desenhavam-se profundos sulcos de medo. Os seus olhos não paravam quietos: varriam tudo da direita para a esquerda, como se tentassem detetar a iminente aproximação do inimigo.

— Eu... nós... — A boca do homem abria-se e fechava-se constantemente, mas as palavras custavam a sair.

— Está tudo bem. Por enquanto, estás a salvo. Tenho soldados comigo, que te defenderão se for preciso. — Ronsard levantou o braço e os seus cavaleiros avançaram e postaram-se ao longo do trilho, com as mãos pousadas nos punhos das compridas espadas. A sua presença pareceu assustar mais o homem do que acalmá-lo.

— Vá, podes falar à vontade — incitou Theido em tom bondoso.

— Somos de Dorn — consegui finalmente o homem guinchar.
— Deixámos as nossas casas e trouxemos todos os nossos haveres.
Vamos para o Grande Templo. — Calou-se, engoliu em seco e rematou: — Não sabemos para onde mais havemos de ir.

— É uma peregrinação muito estranha, meu amigo — observou Ronsard. — Porque deixaram as vossas casas e fogem assim à noite?

— Não sabeis? Eles vêm aí... uma hoste terrível... terrível. Aterraram em Halidom e vêm aí. Corremos para salvar a vida, para que Ariel nos proteja. Só o deus nos pode salvar.

— Quem é que vem aí? Viste alguém?

O homem olhou para Ronsard com os olhos muito abertos, como se não acreditasse no que ouvia.

— A sério que não sabeis? Como é possível? A terra inteira está revirada! Corremos para salvar a vida!

As pessoas começaram novamente a falar em voz alta, dizendo o que lhes ia pela alma e implorando aos homens do rei que as ajudassem a fugir. Ronsard e Theido ouviram tudo e afastaram-se para conferenciar.

— Houve qualquer coisa que os assustou muito, isso é óbvio. Mas o quê, é um mistério. Não percebo nada. — Ronsard coçou o queixo.

Theido chamou o cabecilha, que se aproximou.

— Bom amigo, viste alguém? Viste o inimigo de quem fugis? Sabes de onde vem?

O homem hesitou.

— Bem... não vimos ninguém. Mas não nos atrevemos a esperar. Há dois dias, apareceram em Dorn uns homens de Halidom, nas terras do Suth, e contaram-nos as coisas terríveis que aconteceram lá. Surgiu um inimigo poderoso, que leva tudo à frente. A cidade deles foi incendiada e nas ruas corria o sangue das crianças e das mulheres. Os que conseguiram ficar vivos fugiram para as montanhas. Por isso corremos, enquanto ainda podemos.

— Mas esse inimigo... tem nome?

— É terrível de mais para dizer! — O homem ergueu as mãos para o céu, numa súplica.

— Pode ser terrível, mas queremos ouvi-lo. Diz-nos o que sabes — ordenou Ronsard. O seu tom autoritário pareceu acalmar o assustado camponês, que olhou de um para o outro e disse, num murmúrio tenso:

— É Nin, o Destruidor!



CAPÍTULO VII

Theido olhou inexpressivamente para Ronsard e depois voltou a fitar o apavorado camponês. Os olhos do homem, muito abertos e redondos, cintilavam ao luar. Mal pronunciara o nome do inimigo, a língua gelara-se-lhe na boca. Mas por muito terrível que o nome fosse para o camponês, pelo menos o suficiente para pôr uma aldeia inteira em fuga, não significava nada nem para Theido nem para Ronsard.

— Nunca ouvi esse nome — disse Theido. Ronsard abanou a cabeça e olhou fixamente para o camponês.

— Esse inimigo é conhecido por algum outro nome? Não conhecemos nenhum Nin nem os seus exércitos.

— Não... que eu saiba não.

— Halidom foi destruída? Os homens que chegaram a Dorn viram-na destruída?

— Foi o que disseram. Alguns tinham perdido tudo: casa, família e haveres... Tudo.

Theido virou-se para Ronsard:

— Já sabemos onde encontrar a nossa resposta: em Halidom.

— É o que parece. Vamos lá ver o que puder ser visto. De qualquer forma, o rei há-de querer saber o que se passou. — Voltando-se novamente para o cabecilha do grupo em fuga, perguntou: — Dizes que esse Nin de que falas estava a dirigir-se para Dorn? Como sabes se não o viste?

— Foram os homens de Halidom que nos disseram. O inimigo vai varrer toda a região. Não há sítio que esteja a salvo. É por isso

que vamos ao Grande Templo de Narramoor pedir ao deus para nos proteger.

— Há um lugar talvez ainda mais seguro do que o templo — disse Theido. — Em Erlott, tenho terras que precisam do trabalho de muitos braços. Vai lá e apresenta-te ao meu mordomo, que se chama Toffin. Diz-lhe que o seu amo ordena que vos dê abrigo, comida e terra para trabalhar. E dá-lhe isto. — Theido tirou um pequeno objeto redondo da bolsa que tinha no cinto: um quadrado de barro cozido com o seu sinete estampado.

O camponês fitou o sinete e, depois, Theido. Parecia tão receoso dele como do próprio Nin.

— Vamos ser vendidos como escravos só porque não temos para onde ir? Deixámos as nossas casas para sermos escravos dos homens do rei? — Como falara em voz alta, ouviu-se um murmúrio vindo do resto do grupo, que estava um pouco afastado.

— A minha oferta é honrosa — explicou Theido. — Podeis aceitar ou não. Não a retiro. Não tenho escravos; todos os que trabalham as minhas terras são livres e têm direito ao fruto do seu trabalho em partes iguais. Se duvidais das minhas palavras, ide ver com os vossos próprios olhos. De qualquer forma, depois de terdes visto, sois livres de partir ou de ficar. Ninguém vos obriga a nada. Sabei apenas isto: se ficardes, tereis de fazer a vossa parte e trabalhar a terra que vos for dada. Senão, o vosso lugar será dado a outros que o façam.

O homem olhou para o quadrado de barro que Theido tinha na mão. Lançando um olhar de lado para o resto do grupo, estendeu a mão hesitantemente:

— Também nós somos honrados, embora de baixo nascimento. — Arrebatou o quadrado da mão de Theido. — Iremos às vossas terras de Erlott falar com o vosso mordomo; veremos como nos recebe. Se mostrar a boa vontade do seu amo, encontrar-nos-eis a trabalhar nos vossos campos quando voltardes dos vossos deveres. — Inclinando-se rigidamente pela cintura, virou-se para partir. Mas parou e virou-se outra vez: — Se for como dizeis, estamos-vos muito gratos, senhor.

— Não quero agradecimentos, mas apenas que cumprais o acordado. Para mim, isso significa mais do que a gratidão.

O homem fez outra vénia e encaminhou-se para o local onde o seu grupo o esperava, para saber o resultado da entrevista. Trocaram-se rapidamente algumas palavras, ouviram-se murmúrios abafados e, de repente, as pessoas puseram-se novamente a caminho, mas, desta vez, de um modo mais ousado e com outra disposição de espírito. Ao passarem por Theido, vários refugiados acenaram-lhe em sinal de agradecimento e, enquanto desciam apressadamente o trilho, todos falavam ao mesmo tempo.

— Bem, esta noite, prestaste-lhes um bom serviço. Espero que nunca venhas a ter razões para te arrependeres da tua bondade — disse Ronsard depois de o grupo ter partido.

— Nunca ninguém se arrepende por ser bom, meu amigo. Mas não duvido de que ganhei tanto como eles.

— Como é isso?

— A boa terra precisa de ser trabalhada e cuidada pelo lavrador. Se eu não tivesse homens para me trabalharem os campos, eles depressa se tornariam estéreis e improdutivos. Estes homens prestam-me um grande serviço ao ajudarem-me a tratar das minhas terras, que, se forem bem cuidadas, produzirão mais do que o suficiente para toda a gente.

— Bem, espero que a tua confiança neles seja recompensada. Mas porque não? O reino tem estado em paz durante estes anos todos e, por enquanto, ainda continua assim.

— Será? — indagou Theido. — Será?

Quentin percorria apressadamente os largos corredores forrados de tapeçarias que iam dar aos aposentos do Rei Dragão. Quando acordara, fora convocado para a câmara privada do rei, e vestira roupa lavada: uma túnica, umas calças novas verde floresta e uma capa curta, de Verão, azul, debruada a verde e dourado. A capa, finamente bordada, apertada no ombro com um alfinete de ouro, esvoaçava atrás de si.

Exatamente no momento em que parou à porta que se abria para os aposentos de Eskevar, esta girou para dentro, fazendo aparecer Oswald, o camareiro da rainha:

— Senhor, anda comigo. A minha senhora quer falar-te.

Oswald pronunciou estas palavras a sorrir, mas a insistência perpassava os seus olhos cinzentos. Por isso, Quentin assentiu com a cabeça e seguiu o camareiro até um quarto que ficava do outro lado do corredor, mesmo em frente dos aposentos do rei. Oswald bateu à porta e entrou.

— Vossa Majestade, o Quentin está aqui.

Quentin entrou no quarto atrás do camareiro e viu a rainha Alinea sentada num banco colocado no meio do quarto, com as mãos dobradas no regaço. Tinha os olhos postos no chão, mas parecia longe dali. Rugas de preocupação sulcavam-lhe a nobre frente. Depois de ele ter entrado, a rainha endireitou-se, e um lindo sorriso transformou o seu rosto. O quarto sombrio pareceu encher-se de luz. Ela levantou-se e estendeu os braços para o saudar.

Quentin abraçou-a e roçou os lábios pelas faces pálidas e ela deu-lhe dois beijos.

— Quentin, vieste! Sinto-me tão contente por estares aqui! Espero que a tua viagem não tenha sido muito desagradável. É bom ter-te aqui de novo. Os meses passam mais devagar quando não estás cá. — Pegando-lhe na mão com as suas, indicou-lhe o banco. — Por favor, senta-te um bocadinho comigo. — Reparando no olhar de Quentin, acrescentou: — Eu sei que o rei está à espera, mas é importante. Quero dar-te uma palavrinha antes de ires à sua presença.

Os seus cintilantes olhos verdes, profundos e serenos, semelhantes a lagos da floresta, procuraram os dele por um instante, como se ela quisesse decidir se Quentin seria suficientemente forte para ouvir o que tinha a dizer.

— Quentin — começou docemente —, o rei está muito doente.

— Foi o que a Bria me disse. — Corou. — Encontrámo-nos hoje de manhã quando cheguei. Contou-me que andava muito preocupada com a saúde dele.

— Mas nem a Bria desconfia a que ponto ele caiu. Ela adora o pai de todo o coração, mas não o conhece tão bem como eu. Há qualquer coisa que anda a consumi-lo, que o rói por dentro, roubando-lhe a força e enfraquecendo-lhe o espírito.

Em resposta ao olhar de Quentin, continuou:

— Não te admires com o que digo: em breve verás com os teus próprios olhos. Ele mudou muito desde a última vez que o viste. Tenho de me esforçar muito para não chorar na sua presença. — Naquele momento, parecia estar à beira das lágrimas.

— Minha rainha, sou um vosso criado. Ordenai e eu obedecerei.

— Só quero que, quando o vires, faças de conta que está tudo bem. Age normalmente. Não o deixes perceber que pensas que ele está doente nem que eu falei contigo sobre o seu estado.

— Prometo. Mas não posso fazer mais nada?

— Não. — Ela deu-lhe umas palmadinhas na mão. — Sei que o farias se pudesses. Mas mandei chamar o Durwin e encarreguei-o de uma tarefa bem pesada. Curar o rei pode tirar-lhe todos os poderes curativos... se é que eles ainda servem para alguma coisa.

— Vou rezar ao Altíssimo para que as curas do Durwin possam surtir efeito.

— Eu também faço isso. — A rainha sorriu e a sala voltou a encher-se de luz, pois, enquanto conversavam, uma nuvem negra passou sobre o coração de Quentin. Mais animado, levantou-se.

— Agora vai vê-lo, meu filho. E não te esqueças do que te disse.

— Assim farei, minha senhora. Não temais.

Quentin deixou o quarto silenciosamente. Ao sair para o corredor, encontrou Oswald, que o esperava. O camareiro voltou a conduzi-lo aos aposentos do rei, bateu e anunciou-o.

— O Quentin está aqui, Vossa Majestade.

Quentin inspirou profundamente e atravessou a soleira da porta. No meio da sala de teto alto encontrava-se uma mesa de carvalho pesada e redonda, da forma da própria câmara, situada numa das muitas torres de Askelon. Pequenas janelas redondas de vidraças cor de âmbar emprestavam uma tonalidade quente à luz da tarde. Eskevar estava de costas voltadas para eles, de pé no meio de um raio de luz vindo de uma destas janelas, contemplando o pátio lá em baixo.

Houve um momento de pouco à vontade: Quentin não podia falar e parecia que o rei não ouvira as palavras do camareiro. Sentindo-se de repente encurralado, Quentin hesitou. Nessa altura, o rei virou-se devagar e olhou-o fixamente. Nos seus lábios surgiu um débil sorriso.

— Quentin, meu filho, vieste!

Se não tivesse sido o aviso da rainha, Quentin não saberia o que fazer. Mordeu o lábio inferior para abafar um grito, recompôs-se e fez um sorriso forçado.

— Vim logo que pude. Os cavalos do Toli são excelentes. Parece que têm asas. Viemos a voar...

Ainda a sorrir, embora, para Quentin, o seu sorriso triste e fraco fosse o de um moribundo, o rei avançou e estendeu a mão. Quentin pegou nela sem hesitar, mas reparou como estava fria e como o aperto de mão do rei se tornara fraco.

A pele de Eskevar adquirira uma palidez de cera e nos seus olhos parecia arder uma luz baça e febril. Tinha os lábios gretados e esfolados, e o cabelo, aquela coroa de glória feita de caracóis abundantes e escuros, pendia flacidamente e sem energia e estava quase completamente grisalho.

Quentin deu por si a fitar o rosto de um estranho, que o observava intensamente com os seus olhos cavados, rodeados de círculos escuros. Afastando rapidamente o olhar, disse:

— Esta sala é muito alegre. Vamos ficar a sós ou esperais mais alguém?

— Vem mais gente, mas não é já. Primeiro, quero falar contigo a sós. Senta-te, por favor. — O rei deixou-se cair devagar numa cadeira arrumada na mesa redonda, e Quentin imitou-o. Apetecia-lhe chorar ao ver Eskevar, o poderoso Rei Dragão, transformado num velho titubeante.

Quentin não deixava de se perguntar como teria aquilo acontecido. Como podia uma mudança daquelas dar-se em tão pouco tempo? Nuns escassos oito ou nove meses, o rei debilitara-se a um ponto que chegava a chocar. Só lhe apetecia sair depressa da sala e ir para bem longe da criatura sentada a seu lado, que usava a coroa do rei.

Eskevar fitou os olhos do jovem com uma simpatia inexprimível; subitamente, floresceu nele uma compaixão paterna que Quentin nunca antes lhe vira. Sentindo-se estranhamente comovido, esqueceu por um momento a saúde despedaçada do rei.

— Quentin — começou Eskevar, depois de o contemplar por um momento — , como sabes, não tenho filhos varões. Só a Bria

é herdeira do meu trono. O meu irmão, o príncipe Jaspin, foi banido e jamais voltará. Creio que é chegada a altura de escolher um sucessor.

— Não, senhor — proferiu Quentin rapidamente. — Agora não é altura de pensar nessas coisas. Ainda tendes muitos anos à frente. Ainda estais forte.

Carregando ligeiramente o cenho, Eskevar abanou a cabeça devagar.

— Não, não é assim. Quentin — continuou, com o mesmo sorriso doce e triste e o mesmo olhar paternal — , Quentin, estou a morrer.

— Não!

— Sim! Ouve! — O rei levantou a voz. — Pode ser devagar, mas estou a morrer. Não viverei o suficiente para ver outra Primavera. Chegou a altura de pôr a minha casa em ordem. Tenciono escolher-te para me sucederes... espera! Como não és do meu sangue, a minha decisão terá de ser apresentada ao Conselho de Regentes, que, suponho, não levantará qualquer problema. Como fui eu próprio a escolher-te, de bom grado vão ratificar a minha opção.

Sem falar, Quentin ficou sentado a olhar para as mãos. As palavras do rei tinham-no emudecido.

Depois do que lhe pareceram horas, ergueu o olhar e viu Eskevar observando-o calmamente, mas intensamente.

— Concedeis-me uma grande honra, Vossa Majestade, mas não sou digno de uma posição tão elevada. Sou órfão e de baixo nascimento. Não sou digno de ser rei.

— Tu, Quentin, és o meu filho adotivo. És como um filho para mim, que te vi crescer e tornares-te adulto. Quero que sejas tu, e nenhum outro, a usar a minha coroa.

— Não sei o que hei de dizer, meu senhor.

— Diz apenas que farás o que te ordeno. Alivia o meu coração.

Quentin levantou-se da cadeira e ajoelhou-se perante o rei.

— Sou um vosso servo, senhor. Obedecer-vos-ei.

Eskevar pousou uma mão na cabeça de Quentin e disse:

— Estou satisfeito. Agora, o meu coração pode descansar em paz.

— Tocou Quentin no braço: — Levantai-vos, senhor! Um rei não se

ajoelha aos pés de outro. Daqui em diante, és o herdeiro do trono de Mensador.

Nesse momento bateram à porta e ouviu-se a voz de Oswald:

— Os outros chegaram, Vossa Majestade.

Toli e Durwin entraram. Ao ver o rei, Toli hesitou, mas Durwin avançou decididamente. Encaminhando-se para a mesa, fez uma vénia rápida e começou a falar das suas viagens, mas sempre sem deixar de observar o monarca doente, como se avaliasse o remédio que poderia dar-lhe.

— Muito bem, muito bem. Sentem-se. Temos um assunto para discutir.

O rei fitou-os atentamente e, antes de começar, soltou um suspiro profundo e cansado.

— Há algum tempo que ando inquieto. Desassossegado, desconcentrado e irrequieto. Ao princípio, atribuí-o à doença que me consome, mas temo que seja mais do que isso. A minha inquietude persiste por causa de Mensador. Há qualquer coisa que não vai bem no reino.

O Rei Dragão falava suave e distintamente, e Quentin percebeu que Eskevar reinava há tanto tempo naquela terra que desenvolvera uma espécie de sexto sentido, sabendo instintivamente quando alguma coisa não ia bem. Era como se uma parte de si próprio tivesse sido magoada e ele sentisse a ferida. O rei presentira o perigo mesmo antes de qualquer deles ter suspeitado do mais pequeno remoinho na corrente de paz e prosperidade que atravessava o reino.

Com um sobressalto, pensou, ao princípio absurdamente mas, depois, cada vez com mais convicção, que o que afligia a terra era, talvez, a causa da angústia do rei.

— Para comprovar a minha intuição, convoquei os meus fiéis Theido e Ronsard, dei-lhes uma pequena força e mandei-os descobrir de onde vêm os problemas. Já deviam ter regressado. Não tive mensagens nem sinais deles, e estou ansioso pelo que possa ter-lhes acontecido. Foi por isso que vos convoquei — fez um gesto de cabeça na direção de Quentin e de Toli. — É cada vez mais urgente descobrirmos a origem do problema, antes que seja tarde de mais. O mal

está por perto; sinto-o. É mais forte a cada dia que passa. Se não o encontrarmos e o esmagarmos...

— Senhor — observou Toli —, vimos portentos que talvez confirmem os vossos receios.

— Eu também — concordou Durwin.

Toli e Durwin informaram o rei dos sinais que tinham observado, presságios de um mal iminente que não sabiam identificar. Quentin reparou que, enquanto os seus companheiros falavam, e especialmente quando mencionavam a Estrela do Lobo, Eskevar parecia decair mais, vergado pelo peso do perigo que o seu reino corria.

Depois de uns momentos de um silêncio desconfortável, o rei falou solenemente:

— Quentin e Toli, bravos amigos, temos de descobrir onde reside verdadeiramente o perigo. O meu povo precisa da vossa coragem.

— Partiremos imediatamente em busca do mal. E pode ser que encontremos os nossos bons Theido e Ronsard — prontificou-se Toli ousadamente.

Sem dizer nada, Quentin passeava o olhar pelos rostos reunidos em volta da mesa.

— Muito bem — suspirou o rei. — Sabeis que não vos mandaria assim se pensasse que era uma coisa sem importância ou se pudesse pôr alguém no vosso lugar.

Virando-se, olhou Durwin pensativamente:

— Quanto a ti, não te convoquei, mas, como de costume, deve tê-lo feito alguém que me conhece melhor do que eu próprio. — Sorriu novamente e, por um breve momento, Quentin entreviu o homem que Eskevar fora. O rei continuou: — Quero que fiques comigo, bom eremita. Posso vir a precisar dos teus remédios muito em breve e é possível que as tuas artes sejam mais úteis aqui do que na garupa de um cavalo.

— Assim é — replicou Durwin. — Farei como quiserdes.

O rei levantou-se com alguma dificuldade e mandou-os sair, não sem antes perguntar aos seus dois guerreiros:

— Quando partireis?

— Imediatamente, Vossa Majestade — respondeu Toli.
— Muito bem. Mas, pelo menos, ficai e comei hoje à noite à minha mesa. Quero ver os meus amigos todos juntos antes de... — Não terminou o pensamento.

Os três companheiros levantaram-se, fizeram uma vénia e saíram em silêncio. Já à porta, Quentin virou-se e fez menção de falar. Mas olhou para Eskevar, os olhos marejaram-se-lhe de lágrimas e não conseguiu pronunciar palavra. Demasiadamente triste para dizer o que lhe ia pelo coração, inclinou-se rapidamente e saiu.



CAPÍTULO VIII

A aldeia foi conquistada, Excelentíssimo. — O cavaleiro fez uma vénia profunda na sela. Atrás dele, o fumo subia numa coluna espessa e escura, depois espalhada pelo vento que soprava do mar. O seu pônei castanho-avermelhado, com o pelo manchado de fuligem e sangue seco, sacudia as rédeas e abanava a cabeça. — Não houve resistência.

Uns olhos selvagens observavam o mensageiro detrás do aro de um elmo de ferro ornamentado com plumas pretas que esvoaçavam como asas ao vento. Sem dizer nada, o comandante virou o cavalo e pô-lo lentamente a passo. O mensageiro esporeou a montada e foi postar-se ao lado do seu chefe, que se afastava.

— Estais desagradado com alguma coisa, meu amo? — A voz tremia de ansiedade.

— Não, está tudo bem. A nossa missão está completa. Vou regressar aos navios. Acompanha-me. Posso precisar de um mensageiro. — Erguendo-se na sela, chamou vários cavaleiros que esperavam a alguma distância. Estes, com os elmos debaixo do braço, observavam impassivelmente o fumo que, à sua frente, subia no ar. — Vós os quatro — o comandante fez um gesto com a mão enluvada — ficai com os homens e ocupai este lugar. Os outros vêm comigo. Vamos imediatamente. Sigam-me.

— Mas o que vamos fazer com os prisioneiros, Excelentíssimo?
— gritou o mensageiro para a forma escura que se afastava.

O guerreiro não se virou nem olhou em volta, mas o mensageiro ouviu as palavras que lhe chegavam lá da frente:

— Matem-nos — disse o seu comandante.

A fragrância pungente de incenso queimado enchia a sala. Nuvens do aromático vapor vogavam em volta da grande figura sentada num trono de almofadas de seda. Pequenas avezinhas coloridas, metidas em gaiolas, esvoaçavam e chilreavam, sendo as suas canções acompanhadas pelas notas calmas de uma flauta.

O tilintar de uma sineta soou no corredor, seguido de um roçar. A forma gigantesca sentada no trono parecia estar a dormir, pois não se mexeu nem de qualquer outra forma deu a entender que se apercebera desta intromissão. A enorme cabeça continuou encostada a uma grande arca. As mãos papudas, com os dedos enclavinhados uns nos outros e os polegares juntos, permaneceram imóveis no imenso regaço.

— Trago notícias, ó Imortal — disse o ministro que entrara tão silenciosamente. Ficou à espera ajoelhado, com a testa encostada ao chão, braços esticados à frente e palmas das mãos viradas para cima.

— Podes falar, Uzla. — Embora estas palavras tivessem sido pronunciadas calmamente, a voz pareceu encher a pequena sala.

— Os vossos guerreiros regressaram. E trazem notícias de vitória. As aldeias da costa foram conquistadas.

— Encontraram alguma residência apropriada para mim?

— Infelizmente não, ó Imortal. Eram aldeias pequenas, que não possuíam acomodações dignas de vós. Por causa desta afronta, as aldeias foram incendiadas e as suas cinzas espalhadas, não fosse a vista delas desagradar-vos.

Nin, o Destruidor, olhou sinistramente o ministro em quem mais confiava.

— Esta terra vai sentir a minha ira! — gritou. Os pássaros tremeram nas gaiolas e a música parou. Uzla, o primeiro ministro, acobardou-se.

— Os patifes desta terra maldita falam de muitos castelos no Norte. Há um, em especial, que pode servir as vossas necessidades enquanto estais aqui a subjugar esta terra à vossa vontade.

— Como se chama esse palácio?
— Askelon. É a fortaleza do rei desta terra, conhecido por Rei Dragão.

— Ah — exclamou Nin suavemente. — O som dessas palavras agrada-me. Di-las outra vez.

— É em Askelon que habita o Rei Dragão.

— Habitarei lá e serei o Rei Dragão. Isso agrada-me. Nunca matei nenhum dragão... ou matei, Uzla?

— Não, minha Divindade. Que eu saiba, não. — E apressou-se a acrescentar: — A não ser que fosse numa outra vida, claro.

— Então vou ansiar por esse acontecimento e saborear o momento da sua realização. — Levantou-se lentamente. — Onde estão os meus comandantes? — perguntou Nin com uma profunda voz de trovão.

— Estão à vossa espera na praia — replicou Uzla. — Vou mandá-los chamar.

— Não, eu vou lá. Como satisfizeram o meu desejo, serão recompensados, e verão o seu deus aproximar-se deles.

— As tuas ordens, ó Poderoso.

Uzla inclinou-se novamente e levantou-se do chão. Virando-se, retirou-se para o átrio, bateu as palmas e gritou:

— A Divindade vai a passar! Ajoelhai todos! — Depois seguiu à frente do seu soberano, batendo as palmas e gritando o mesmo aviso. Nin seguiu-o lentamente, balançando o seu corpo imenso sobre as pesadas pernas.

Quando chegaram a um pequeno lanço de escadas, no cimo das quais ficava o convés do navio palácio, Uzla voltou a bater as palmas e oito serviçais trouxeram um trono montado sobre estacas, pousando-o à frente do seu rei, que se sentou nele. Depois, retesando todos os músculos, os carregadores subiram os degraus com todo o cuidado, de modo a manterem o trono na horizontal, para não incorrerem na fúria do seu temperamental deus. Dali a pouco, estavam no convés.

Mais dois serviçais esperavam com grandes sombrinhas feitas de penas brilhantes. Mal o trono de Nin surgiu à entrada do convés, abrigaram logo a enorme cabeça do Sol radioso de um lindo dia

de Verão. Embora oscilando sob o peso do seu fardo, os serviçais desceram uma comprida rampa que fora construída por cima da água baixa, desde o navio palácio até à costa. A rampa terminava numa plataforma na praia, que formava um estrado do qual Nin, o Destruidor, podia comandar os seus súbditos. Quando viram esta procissão descendo lentamente a rampa, os quatro comandantes desmontaram, aproximaram-se do estrado e prostraram-se na areia. Os carregadores chegaram à plataforma e pousaram o trono móvel exatamente no meio do estrado, por baixo de um grande dossel de seda azul. Depois retiraram-se, ajoelharam-se, com o rosto tocando os joelhos, e ficaram à espera das ordens do seu rei.

A seda azul agitava-se ao sabor da suave brisa marítima. Acima do estrado, gaivotas esvoaçavam no ar e soltavam os seus guinchos para aquele espetáculo. Nin levantou as mãos e disse:

— Erguei-vos, meus senhores da guerra. Podeis olhar para a vossa Divindade.

Os comandantes, que envergavam armaduras pesadas, levantaram-se rigidamente e ficaram ombro a ombro perante o seu protetor.

— Vi a vossa vitória de longe — continuou Nin. — Assisti às chamas da destruição com os meus próprios olhos. Estou muito satisfeito. Agora, dizei-me, meus comandantes: que força tem esta terra? Há algum exército que faça frente à lâmina do Destruidor? — Olhando os quatro guerreiros, fez um sinal de cabeça a um deles, que deu lentamente um passo em frente. — Gurd?

O guerreiro bateu no coração com a mão fechada; a cota de malha do punho produziu um ruído semelhante ao arrastar de correntes de ferro contra a couraça de bronze. Tinha o cabelo comprido, liso e preto puxado atrás, formando uma grossa trança. Os seus olhos pretos e vivos, enquadrados por um rosto regular, angular e vermelho, fitaram Nin intensamente.

— Não vi soldados no Sul, ó Imortal. As aldeias de camponeses estavam indefesas.

— Amut.

O guerreiro de raça amarela avançou. Tinha a cabeça reluzente completamente rapada, exceto no sítio onde usava uma curta madeixa de cabelo apanhada num nó apertado. Nas suas faces e testa

viam-se estranhas tatuagens azuis e uma cicatriz irregular riscava-lhe o rosto do canto de um olho em forma de amêndoa à base do pescoço grosso e musculoso.

— No Norte não encontramos soldados, ó Poderoso. A cobarde população voou à frente das nossas setas como folhas durante uma tempestade.

— Luhak — chamou Nin. O terceiro comandante deu um passo em frente.

Luhak tocou na barba com uma mão castanha. Tinha a cabeça coberta por um elmo de pelo branco de cavalo, do centro do qual nascia uma pluma curta feita de cauda de cavalo. Era alto e magro e, quando abriu a boca para falar, cintilou uma fiada de dentes brancos e pontiagudos.

— No interior montanhoso desta terra só encontrei uma aldeia, chamada Gaalinpör — disse o guerreiro. — Nenhum exército pode atravessar aquelas montanhas sem ser visto. Podemos voltar os nossos olhos para outro lado.

— Boghaz.

O último comandante, um preto enorme, cujas feições estavam escondidas por um véu negro que lhe tapava a parte inferior do rosto, revelando apenas os olhos grandes e escuros, avançou para o lado dos outros. Tinha a cabeça metida num elmo de couro coberto de chifre e envergava uma couraça feita de discos planos também de chifre, ligados uns aos outros por aros de ferro. Uma comprida capa vermelha caía-lhe desde os ombros até aos calcanhares das botas pretas. Tal como todos os outros, trazia de lado uma curiosa espada curva com a lâmina fina e esguia muito afiada nos dois gumes.

— Eu também não vi soldados. As aldeias não ofereceram resistência, o sangue dos teimosos tingiu o chão de vermelho e as cinzas subiram ao céu em vossa honra, imortal Nin. — Dito isto, o guerreiro preto tocou na testa e fez uma profunda vénia.

— Que terra é esta que não constrói muros à volta das cidades e deixa as aldeias sem proteção? Temos a riqueza à mão, meus guerreiros. Vamos para norte, em direção a Askelon, onde estabelecerei o meu palácio, para poder estar confortável enquanto domino esta terra. Agora ide e avisai-me quando o castelo for meu, para eu ir ime-

diatamente apropriar-me do que desejo. Mas não sacrifiqueis o rei. Quero ter eu próprio esse prazer: o seu sangue há-de correr só para mim. Ouvi e obedeci.

Os quatro comandantes saudaram Nin e recuaram uns passos. Depois voltaram-se, montaram os seus cavalos e partiram a galope. Nin bateu as palmas e os serviçais deram um salto em frente, dando início ao laborioso processo de transportarem o seu deus pela rampa acima, para dentro do magnífico navio palácio.



CAPÍTULO IX

As folhas ainda mostravam pesadas gotas de orvalho quando os primeiros raios dourados da manhã iluminaram a paisagem. Era normal haver orvalho perto do mar, mas Quentin nunca deixava de se maravilhar ao ver o Sol batendo nas minúsculas gotas de humidade e transformando-as em joias cintilantes. Cada outeiro, cada arbusto, parecia adquirir um valor incalculável.

Os animados cavalos de Toli, bem descansados, cabriolavam e corriam ao ar fresco da manhã. O próprio Quentin elevou a voz num hino ao novo dia. Toli juntou-se-lhe, e as suas vozes soaram nos pequenos vales, ao fundo de encostas arborizadas.

— Como é bom estar vivo! — gritou Quentin, mais pela alegria de gritar do que para conversar.

— Hoje já parece que gostas da sela — disse Toli, balançando-se atrás dele. — Não foi a impressão que me deste ontem à noite.

— De manhã, o mundo volta a ser criado. Tudo é novo... incluindo as selas.

— Alegro-me por ver o meu amo de tão bom humor. Não é por nada, mas nos últimos três dias foi fácil confundir-te com um urso a grunhir.

Quentin fez de conta que não ouvia, e continuaram como antes. Os arreios dos cavalos, que se lançavam num galope breve, tilintavam alegremente.

— Desculpa se tenho andado de mau humor — disse Quentin, passado algum tempo. — Tenho andado com muito em que pensar nestes últimos dias. Foi como uma sombra que pairasse sobre mim. Mas, agora, voltei a ver tudo claramente.

— Isso é bom para os dois — replicou Toli no seu habitual estilo elíptico.

Os dois cavaleiros aproximaram-se da encosta de um outeiro comprido e começaram a subi-lo. No cimo, pararam durante algum tempo, contemplando a estrada e o vale que ficava para lá dela, no centro do qual se erguia a aldeia de Persch.

— Vê como tudo é tranquilo — comentou Quentin, observando o cenário. — Tanta paz! E é assim há mil anos... — A sua voz diminuiu de intensidade.

— Rezemos para que possa ser assim durante mais mil — respondeu Toli. Abanando as rédeas, começou a descer a estrada, que não passava de um estreito carreiro de terra batida, conquistado à erva verde, comprida e espessa que cobria as colinas.

À medida que se aproximavam da aldeia marítima, Toli ia ficando tenso e cada vez mais concentrado. Reparando na mudança de atitude do seu companheiro, Quentin perguntou-lhe:

— O que é? O que veem esses teus olhos de águia?

— Nada, meu amo. E é isso que me preocupa. Não estou a ver ninguém... nenhuma atividade na aldeia.

— Se calhar, as pessoas de Persch deitam-se tarde e levantam-se tarde — retorquiu Quentin descuidadamente, tentando manter o espírito de tranquilidade que acabava de ser despedaçado pela observação de Toli.

— Ou, se calhar, têm razões para ficar em casa num dia como este, e de certeza que essas razões têm a ver com o medo.

Quentin suspirou.

— Não é a primeira vez que damos com ele nas nossas jornadas. Pousando a mão livre no punho da espada, ajeitou-a ligeiramente, de modo a estar pronta a ser usada. Os seus olhos perscrutavam toda a aldeia, que se aproximava lentamente a cada passo que davam. Nem nas ruas nem na estrada havia sinais de vida. Não se viam nem homens nem animais. Era estranho. Normalmente, os primeiros raios

da luz da manhã encontravam as ruelas estreitas cheias de pessoas atarefadas na sua vida de todos os dias: os mercadores montavam as suas tendas no mercado e os artesãos os seus toldos; os lavradores ofereciam queijo, melões e ovos em troca de tecidos e de vários utensílios de metal; as mulheres iam buscar água ao poço do largo da aldeia, as crianças escondiam-se nas esquinas e corriam de um lado para o outro em brincadeiras barulhentas e os cães da aldeia ladravam e esquivavam-se por entre as suas pernas nuas, queimadas pelo Sol.

Mas naquela manhã não havia azáfamas nem algazarras. As ruas vazias pareciam assombradas pelos ecos de risos infantis e pela fantasmagórica ausência dos aldeãos.

Os cavaleiros entraram na rua principal, e Quentin ouviu os cascos dos cavalos esmagando suavemente os minúsculos fragmentos de conchas com as quais os habitantes de Persch pavimentavam as suas ruas. Quentin sempre pensara que isto dava a todas as vilas marítimas uma aparência de frescura e limpeza. No entanto, naquele dia, as ruas esbranquiçadas pareciam desoladas como sepulcros.

Ainda que de fugida, nenhum rosto aparecia a uma porta ou numa janela escurecida. Não se ouvia nenhum som a não ser o sopro da suave brisa marítima por entre as caleiras, que sussurrava notas de completo abandono.

— Não está cá ninguém — observou Toli, cuja voz pareceu morrer no ar vazio.

— Não acredito. Não podem ter partido todos. Deve ter ficado alguém. Uma aldeia inteira não desaparece assim... tem de haver uma boa razão para isso.

Chegaram ao largo da aldeia, que era um retângulo irregular formado pelos frontispícios dos principais edifícios de Persch: a estalagem, que se dizia servir um excelente peixe estufado, a casa do povo (como não havia nobres a viver em Persch, os habitantes tinham construído aquela casa, na qual celebravam as festas e os dias santos), o mercado e as tendas dos vendedores, o pequeno templo e o santuário erigidos ao deus Ariel e as habitações dos artesãos.

No centro deste retângulo encontrava-se um grande poço e, ao lado, numa pequena elevação, erguia-se um cedro imenso, cujos ra-

mos e galhos emaranhados ofereciam a sua sombra a todos os que ali se reuniam. Quentin e Toli aproximaram-se da fonte e desmontaram. Toli pegou num balde de madeira que estava ao lado da borda de pedra do poço e tirou água para os cavalos.

Quentin encheu uma cabaça, bebeu abundantemente aquela água fria e fresca e depois passou-a a Toli.

— Hum — cismou Quentin — , nem um som e não se vê ninguém. No entanto, sinto que não estamos sozinhos.

— É verdade. Sinto a presença de alguém aqui muito perto. E também sinto o medo. — Toli voltou a pôr o balde no lugar e fez sinal a Quentin para que tornasse a montar. Ele obedeceu com um olhar de interrogação e, juntos, atravessaram o resto da aldeia.

Quando chegaram à última habitação, Toli chamou Quentin de lado e sussurrou:

— Havia mais alguém perto do poço. Senti o olhar de alguém sobre nós. Vamos deixar aqui os cavalos e voltar por outro caminho. Deslizaram silenciosamente por um beco estreito, ladeado de várias construções, e voltaram ao largo. Não havia nada para ver: tudo parecia estar como apenas uns momentos antes.

— Bom, parece que temos de procurar noutro lado. Podemos tentar encontrar alguém numa destas casas.

— Espera só mais um bocadinho.

Mal Toli acabou de falar, ouviram um raspar e um silvo, parecido com o som produzido por uma cobra em areia seca, que parava e recomeçava a um ritmo regular. Puseram-se à escuta. O som parecia diminuir rapidamente. Foi então que Quentin percebeu que estivera alguém muito perto deles, talvez por trás da mesma casa feita com canas onde se escondiam naquele momento, espreitando na sombra. O som eram os passos leves e arrastados de alguém que caminhava com todo o cuidado pela rua de conchas.

— Está a ir-se embora! — murmurou bruscamente Quentin, dobrando depressa a esquina da casa, mesmo a tempo de ver uma perna e um braço desaparecerem por detrás de um denso emaranhado de teixos.

— Dirige-se para a doca! — gritou Toli. — Se formos por aqui, apanhamo-lo. — Puxando o braço de Quentin, apontou para trás, na

direção do sítio onde a estreita ruela descrevia uma curva e começava a descer, tornando-se um carreiro, como tantos nas vilas marítimas, que ia dar à beira-mar, ao local onde os aldeões guardavam os seus barcos de pesca.

Toli largou a correr e Quentin seguiu nos seus calcanhares. Precipitaram-se juntos pelo carreiro abaixo e saltaram os degraus de pedra construídos do lado da duna que separava a aldeia da praia. À sua frente estendia-se a doca, a pequena angra que constituía o porto de Persch. Ali, entre dois barcos de pesca com os cascos negros voltados para o céu, viram um barco leve com uma vela branca e triangular, que fora empurrado para a areia. A figura pequena de um jovem caminhava agilmente pela areia em direção ao barco.

Quentin largou a correr para a praia em sua perseguição. Depois de dar uns passos, parou, levantou a mão e gritou:

— Pára! Não queremos fazer mal! Só queremos falar!

O jovem deu meia volta, e só então viu os dois homens que o observavam. Embora Quentin e Toli ainda estivessem longe de mais para poderem distinguir-lhe o rosto, o resultado das palavras de Quentin não lhes deixou quaisquer dúvidas.

— Assustaste-o! — disse Toli, vendo a figura que estava na praia cambalear, tropeçar, cair, levantar-se e correr como um veado para o barco. — Anda! — gritou o ligeiríssimo jher, deslizando pela areia.

O jovem estranho, que, entretanto, chegara ao barco, empurrava-o com todas as suas forças. Para Quentin, ou encalhara nalguma coisa ou a maré baixara desde que o barco ali ficara, tornando mais difícil metê-lo na água.

Mas, com a força do desespero, o rapaz conseguiu lançar à água o pequeno barco à vela e, agitando-se com água pelos joelhos, tentava virar o barco para depois saltar de lado lá para dentro, como um peixe.

Toli chegou primeiro à beira-mar. Quentin seguiu-o, e ambos patinharam até ao barco. O estranho, remando furiosamente com um remo comprido, lançou um olhar aterrorizado por cima do ombro. Quentin reparou na sua estrutura sólida e nos seus ombros esbeltos. O rapaz envergava o colete de couro e as calças casta-

nhas de tecido grosseiro usados pelos pescadores. O chapéu mole e disforme, também tradicional entre os habitantes das povoações marítimas do sul de Mensador, estava puxado para baixo, escondendo o jovem rosto.

Quentin avançou para um lado do barco e Toli patinhou para o outro. Apesar de o seu ocupante agitar prodigiosamente o remo, o barco não estava a avançar para o mar alto tão rapidamente como o desejado; por isso, nenhum deles teve problemas em alcançá-lo nalgumas passadas.

Uma vez dentro do seu raio de ação, o remo assobiou-lhes por cima da cabeça. Tentando acalmar o desconhecido, Quentin disse:

— Está quieto, amigo! Para com isso! Ai! — Malhando a torto e a direito, o remo aproximou-se perigosamente. — Não queremos fazer mal!

Enquanto Quentin ocupava assim a atenção do rapaz, Toli passava-lhe por trás, na direção da proa. Virando-se, o rapaz deu com toda a força com o remo na borda do barco, precisamente no sítio onde os dedos de Toli tinham estado um momento antes. Vendo que o desconhecido ficara momentaneamente desequilibrado devido à pancada que desferira, Quentin agarrou-se à popa com as duas mãos e deu um poderoso abanão ao barco.

O rapaz lançou um grito de surpresa e, com os braços abertos e as mãos tentando apoiar-se no ar, saiu pela borda fora, mergulhando de cabeça e deixando o remo tombar no fundo do barco.

Quentin desviou-se dos salpicos e Toli rodeou o barco, indo pôr-se em frente de Quentin. O chapéu de pescador flutuava entre os dois. Quentin enfiou o braço na água pouco profunda, agarrou o colarinho do desconhecido e levantou-o até ele ficar de pé.

— Bem, que temos aqui? — perguntou Quentin amistosamente.

— Toli, acho que apanhámos... — Calou-se abruptamente. Era a vez de Quentin ficar surpreendido.

— Uma rapariga! — exclamou Toli, terminando o pensamento de Quentin.

Quentin tinha nas mãos o chapéu molhado, que mais parecia um saco preto encharcado e olhava com perplexidade para as tranças compridas e escuras, naquele momento ensopadas e pegajosas,

que rebrilhavam ao sol. A rapariga abriu e fechou as pestanas escuras, deixando entrever os olhos claros, de um azul de gelo, e limpou a água que lhe escorria pelo rosto. As suas feições eram suaves e perfeitas e nas faces coradas tinha a cor de rubi da excitação.

— Larga-me! — gritou. — Não sou ninguém! Não tenho dinheiro! Larga-me!

— Paz — disse Quentin suavemente. — Não vamos fazer-te mal, minha senhora.

A rapariga olhou de um para o outro dos seus captores, observando-os com desconfiança.

— Não somos ladrões, se é isso que estás a pensar — comentou Toli. — Somos homens do rei.

— Desde quando é que os homens do rei prendem pessoas inocentes sem qualquer razão? — desafiou ela altivamente.

— As pessoas inocentes não têm nada a temer de nós. Porque é que fugiste?

A rapariga lançou um olhar furtivo na direção da aldeia e murmurou:

— Estava apavorada. Encontrei a aldeia deserta e...

— E ouviste-nos chegar e escondeste-te.

— Pois foi — assentiu ela com um ar carrancudo, passando uma manga encharcada pela cara. Depois, lançou a Quentin um olhar de desafio. — Agora, larga-me!

— A seu tempo. Espicaçaste a nossa curiosidade, e primeiro queremos que respondas às nossas perguntas. Bem — continuou Quentin, estendendo-lhe a mão — , mas não é preciso ficarmos na água. Vamos secar-nos na praia.

Virou-se e começou a patinhar para a costa. De repente, sentiu os joelhos vergarem-se-lhe e afundou-se para a frente com um grito estrangulado. Alguém lhe desferia ferozes socos nas costas e nos ombros. Voltou-se debaixo de água e, quando tentava pôr-se novamente de pé, o ataque parou. Veio à superfície e limpou a água dos olhos. Toli agarrava os braços da jovem, que arranhava e dava pontapés, e que assim seguiu empurrada pelo seu servo até à praia.

No rosto de Toli estava estampado um sorriso estranho e ridículo.



CAPÍTULO X

Como é possível? — Theido abanou a cabeça, sem querer acreditar. Os seus olhos perscrutavam a planície enegrecida onde outrora ficara a aldeia de Halidom.

— As perspectivas são muito más, mas alguma coisa deve ter ficado. — Ronsard fez sinal aos seus cavaleiros, e todos começaram a descer a suave colina que ficava acima do vale plano de Halidom. Cada homem tinha no rosto uma interrogação lúgubre e no espírito o pensamento de Theido: como era possível que uma aldeia inteira tivesse sido aniquilada tão completamente? De Halidom apenas restava um círculo enegrecido na terra. Não ficara nem um pau de pé, nem uma pedra sobre outra. A área arrasada da povoação não passava agora de um caos de destruição.

— Até as aves acabaram o serviço — observou Ronsard enquanto se aproximavam do perímetro do círculo queimado.

— Não completamente. Olha ali. — Theido estava a observar um ponto a curta distância deles. Ronsard seguiu-lhe o olhar e viu um grande busardo fechando as asas e empoleirando-se no que restara de um tronco de árvore. Três corvos rabugentos levantaram voo do local onde tinham estado atarefados a debicar no chão.

— Vamos ver o que lhes chama a atenção. — Ronsard virou-se para os seus homens. — Espalhai-vos e procurai nas cinzas sinais que nos indiquem quem é este inimigo. — Depois, ele e Theido conduziram os cavalos para o local onde o busardo saltitava ao longo do tronco queimado. A ave observava qualquer coisa no chão, mas não conseguiam distinguir o quê.

Foram atravessando a aldeia destruída. Entre as cinzas estavam espalhados os vestígios carbonizados da vida quotidiana dos aldeãos: um tripé de ferro com a panela amolgada ali perto, uma pequena estátua de pedra de um deus doméstico, os cacos enegrecidos de uma caneca de vinho. E aqui e ali encontravam-se os restos dos infelizes

habitantes da povoação: uma caveira coberta de fuligem contemplando o céu com o seu olhar vazio, um bocado de tibia comprido e nu, a carcaça curva de um conjunto de costelas erguendo-se na desolação.

À aproximação dos cavalos, o busardo levantou voo de mau humor e ergueu-se lentamente no céu, pondo-se a descrever círculos juntamente com os corvos.

— Pelos deuses! — gritou Theido, já perto do sítio para onde se dirigiam.

— O que...? — começou Ronsard. Depois, também ele viu o que Theido vira. — Por Orphe... não!

Theido, que já saltara da sua montada, puxava as correias da sela para tirar o odre de água. Ronsard, hipnotizado pelo que via, desmontou devagar, aproximou-se, pôs a mão no punho da espada, e já estava a desembainhá-la quando Theido lhe tocou no braço:

— Não é preciso. Já está para além da dor e do sofrimento. Enquanto Theido falava, o objeto da sua atenção, o torso queimado de um corpo, agitou-se convulsivamente e um olho amarelo rodou na sua direção. Quando os viu, o meio cadáver desfeito soltou um gemido desesperado. Theido ajoelhou-se bondosamente ao lado da carcaça e estendeu-lhe o odre.

— Paz, amigo. Toma água para a tua garganta ressequida. — De joelhos, Theido chegava suavemente a extremidade do odre à boca estalada, deixando sair algumas gotas de água, que humedeceram os lábios do homem. A língua preta apareceu à entrada da boca e lambeu a água. As pálpebras rachadas agitaram-se e os globos oculares secos rolaram nas suas órbitas. Como que por milagre, a água pareceu exercer algum efeito, e nos olhos apareceu um clarão de reconhecimento.

— Como é possível este pobre diabo ainda estar vivo? — indagou Ronsard, inclinando-se ao ouvido de Theido.

— Não sei. — O cavaleiro calou-se e deixou sair mais um fiozinho de água. — Mas antes de Heoth o vir buscar, talvez ele possa dizer-nos o que aconteceu aqui.

— Consegues falar, meu amigo? Somos homens do rei e as tuas respostas são muito importantes.

Ronsard afastou-se do cheiro que lhe entrava pelas narinas. O homem estava horrivelmente queimado. Tinha grandes áreas do peito e dos braços completamente calcinadas; a parte inferior do seu corpo fora esmagada pela árvore ao cair. Jazia numa depressão pouco funda do chão, meio torcido de lado. O cabelo de um lado da cabeça ardera todo; do outro lado do crânio nu ainda saíam uns fios escuros, que voavam ao sabor da brisa.

As aves já o tinham debicado, abrindo-lhe feridas no ombro e nas costas, por onde se entreviam os ossos brancos.

— Deixemo-lo morrer em paz — disse Ronsard, virando-se. Tinha a voz tensa e sufocada.

— N... n... ão. — O som era pouco mais do que um sussurro ao vento. Os dois homens fitaram aqueles olhos, que uma luzinha agarrava à vida. O aldeão estava a tentar falar.

— Calma. Estamos a ouvir. Deixa-me aproximar. — Theido inclinou-se para a frente e pôs o ouvido mesmo por cima dos lábios do homem. Falava suavemente e com uma serenidade quase inacreditável para Ronsard. — Conta-nos o que aconteceu, se puderes.

Embora Ronsard não percebesse como, as palavras formaram-se no ar e, apesar de muito débeis, eram compreensíveis.

— Tenho estado à espera que apareça alguém — murmurou o homem. A sua voz era um arranhar seco, como o som de uma folha murcha empurrada pelo vento sobre a areia. — À espera... à espera...

— Agora estamos aqui. A tua vigília chegou ao fim. Consegues contar-nos alguma coisa?

— Todos mortos... tudo destruído... tudo incendiado.

— Nós sabemos. Sabes quem fez isto?

— Ahh... — ofegou longamente. — O deus destruidor... três metros de altura... deitava fogo pela boca... tudo destruído.

— O deus estava sozinho?

As palavras estavam a tornar-se mais fracas e ténues.

— N... não... ahh... muitos soldados... dizem... — O homem tossiu violentamente, e o torso foi atormentado por outra convulsão.

— Dizem o quê?

— Ahh...

— Diz me só isso. Depois, o deus leva-te para descansares.

— Cuidado... Nin, o Destruidor... Ahh... ahh.

Os olhos amarelados toldaram-se e aquietaram-se. O homem não teve fôlego suficiente para arquejar uma última vez, mas Ronsard sentiu a vida escapar daquele corpo despedaçado, que a manteve presa durante tanto tempo contra sua vontade.

Theido levantou-se lentamente.

— Vamos enterrar imediatamente este bravo.

As aves guinchavam, como se soubessem que iam ficar privadas da sua refeição.

Depois de enterrarem o patético cadáver com a suavidade que os cavaleiros conseguiram reunir, Ronsard e Theido afastaram-se uns passos para conversar.

— Já viste que chegasse, meu amigo? — perguntou Ronsard, encostado à espada.

— Aqui já. Mas gostava de ver este inimigo que ataca aldeias indefesas e mata os inocentes.

— Suponho que não falta muito para o encontrarmos. Mas não é agora. Devíamos regressar imediatamente e contar o que vimos. Quando voltarmos a cavalgar, será com mil homens atrás de nós.

— Isso... tiraste-me as palavras da boca... hum. — Theido calou-se e pareceu contemplar alguma coisa no horizonte.

— O que é, Theido? Estás preocupado?

Theido inspirou profundamente. Quando se virou novamente para Ronsard, tinha uma luz estranha a brilhar-lhe nos olhos. Voltando-se outra vez para o horizonte, falou num tom de voz que parecia vir de muito longe. Ao mesmo tempo, uma sombra passou por sobre o vale.

— Tenho medo, Ronsard.

— Medo? Tu? Conheceis-vos muito mal, senhor!

— Não sentes? — O seu olhar era rápido e penetrante. — Não? Porque...

— Em que pensas, Theido? Não me escondas nada agora. Estás com um pressentimento, bem vejo. Diz lá! Não tenhas medo de me inquietar em vão. Sou bastante homem para dar rédea curta aos meus pensamentos, garanto-te.

— Muito bem... tens razão, claro. Mas não é fácil pô-lo em palavras. Agora mesmo, enquanto conversávamos, tive a sensação de que estávamos a cavalgar por um caminho estreito abaixo. No fim, havia a escuridão. As trevas caíam sobre tudo. Só isto. Mas fiquei com medo.

Ronsard estudou o amigo com toda a atenção e, por fim, falou em voz firme mas suave:

— Estávamos juntos, tu e eu? Então isso chega-me. Para intimidar estes dois cavaleiros, o caminho tem de ser mesmo muito escuro. Mas vamos, deixemos este lugar do mal. Regressemos imediatamente a Askelon, para falar com o rei. Já estivemos ausentes tempo de mais.

— Vamos regressar como dizes, bom amigo. — Theido endireitou os ombros e bateu com a mão nas costas de Ronsard. — Mas preferia ter visto este inimigo misterioso e saber a sua força. Sentia-me melhor se lhe pudéssemos ver a cara.

— Eu também, mas não deve faltar muito. Ainda podemos dar com ele antes de chegarmos a Askelon... e estamos mal preparados para a batalha.

— Não estou nada interessado em me engalfinhar com um inimigo desconhecido, meu bravo amigo, mas só em espiar os seus métodos. E ainda mais porque este parece ser incredivelmente fantástico.

Enquanto falavam, caminhavam para o sítio onde estavam os cavalos. Quando lá chegaram, Ronsard montou e gritou para os seus cavaleiros:

— Montai, homens! Vamos para Askelon!

Os cavaleiros obedeceram e começaram a subir a colina por onde tinham descido, mas desta vez evitaram o círculo carbonizado da planície.

Theido ainda ficou por um momento ao lado do cavalo, contemplando a distância. Quando ouviu Ronsard chamar atrás de si, encolheu os ombros, montou o seu grande palafrém preto e apressou-se a juntar-se aos outros. Ao chegar ao cimo da colina, o Sol do fim da tarde bateu-lhe em cheio no rosto, fazendo-o sentir que a melancolia o abandonava, empurrada pela torrente de calor dourado que o inundou. Sem olhar para trás, esporeou o cavalo.



CAPÍTULO XI

Durwin levantou a túnica acima dos joelhos e entrou no lago rodeado de canaviais. O sol da tarde caía em raios oblíquos através de grandes carvalhos e de videiros com folhas prateadas, que cintilavam em reflexos tremeluzentes na água límpida. Peixes minúsculos afastaram-se precipitadamente dos seus pés. O grito líquido e cristalino de uma cotovia empoleirada num ramo dividiu o silêncio verde da floresta em duas metades palpitantes.

Durwin avançou cuidadosamente para a água mais profunda. Enquanto ia patinhando, perscrutava o fundo coberto de seixos. Por um momento, pensou em despir a túnica e mergulhar nas frias profundezas do lago, como costumava fazer na floresta de Pelgrin, nas quentes tardes de Verão.

Mas, por mais convidativo que fosse este pensamento, refletiu melhor e resolveu continuar como estava. Não tardou que ficasse satisfeito por ter continuado vestido, pois, ao passear pelo lago, baixando-se de vez em quando, reparou numa coisa branca que brilhava na água. Olhando outra vez, percebeu que se tratava de um reflexo na superfície espelhada do lago. Com um sobressalto, levantou o olhar e viu uma mulher toda vestida de branco, de pé, na margem alagadiça e coberta de ervas.

— Minha senhora! — exclamou. — Que grande susto! Não sabia que me estáveis a ver.

— Desculpa, Durwin. Não queria alarmar-te — riu Alinea, cuja voz retiniu no valezinho. Há muito que não a ouvia rir. — Estavas tão concentrado que tive medo de perturbar os teus pensamentos. Perdoa-me.

— Agradeço a vossa consideração, mas não era necessário. Só estou a apanhar cicuta para fazer uma tisana.

— Cicuta? É um veneno mortal, não é?

— Conheceis as plantas do campo e da floresta?

— Só algumas. A minha mãe, a rainha Ellena, conhecia muitos remédios e fazia-nos mezinhas. Quando era pequena, ajudava-a a apanhar as ervas.

— Então sabeis que as plantas não são mortais nem perigosas, e que isso só depende da intenção do curandeiro. É verdade que algumas são muito poderosas, mas, se forem usadas com sabedoria, até a mais venenosa delas todas pode proporcionar uma cura maravilhosa.

— E sem dúvida que não há neste reino sabedoria maior do que a tua, bom eremita. As tuas mezinhas são muito eficazes.

— Oh, minha senhora! Não sabeis como as vossas palavras me entristecem.

— Disse alguma coisa que não devia? Fala, por favor. — A rainha aproximou-se da borda da margem. Durwin caminhou na sua direção.

— Não, a intenção não era má, mas as vossas palavras escarnecem da minha inaptidão, pois o doente que eu mais gostaria de curar com a minha humilde arte continua prostrado na cama... não está melhor agora do que quando comecei a tratá-lo. A sua doença resiste a toda a minha arte.

— É um estado de enfraquecimento muito subtil.

— É verdade!

Durwin sondou os profundos olhos verdes de Alinea e leu nelas a preocupação que se adensava a cada dia que passava. Sentiu-se impotente para a ajudar, tal como se sentia quando ia assistir ao nascimento de um bebé prematuro, que morria antes de ter começado a viver. Embora fosse um fardo bem pesado, não se importaria de o tomar sobre si, mas não podia fazer nada senão assistir ao facto, humilhado pela sua inutilidade.

— Achas que o Deus Altíssimo ouve as nossas orações pelo doente?

— Acho que sim. Ele ouve todas as orações e a todas responde na devida altura.

— Então a oração há de fazer o que as poções não conseguem.

— Envergonhais-me com a vossa fé. Na minha busca de um medicamento, negligenciei gravemente esse remédio. Mas não o farei mais.

A rainha suspirou e levantou os olhos para o céu azul e limpo, que brilhava docemente à luz da tarde. Longínquos farrapos de nuvens deslizavam lentamente ao sabor da brisa que, de tempos a tempos, fazia roçar docemente as árvores. O lagunho era como um vidro polido que refletia tudo o que se passava lá em cima. Alinea colheu uma florzinha vermelha de um maciço que tinha aos pés e pôs-se a sondá-la, como se procurasse um sinal do seu criador.

Durwin continuou a patinhar, inclinando-se aqui e ali para arrancar uma planta pela raiz. Quando reuniu o suficiente, saiu da água e subiu para a margem, na qual Alinea esperava à sombra.

— O que se passa, Durwin? — Fez a pergunta em voz baixa, mas a incerteza que a perpassou e a preocupação que espreitava nos seus olhos deu-lhe o impacto de um grito. Antes de ele poder acalmá-la, continuou: — Parece-me que uma coisa muito má e envolta nas trevas está a crescer, a aproximar-se. Às vezes, paro sem razão e sou percorrida pelo medo. Vai tão depressa como veio, mas fica a pairar no ar como um arrepio e nada volta a ser como dantes.

— Também já o senti. Mas não consigo explicá-lo. Acho que anda alguma coisa na terra... alguma coisa má. Por enquanto, não se sabe o que é, mas em breve se revelará.

— Embora as tuas palavras não sejam alegres, anima-me ouvir-te falar. Pelo menos, sei que um amigo muito querido me compreende e sente o mesmo que eu.

— Se pudesse, acalmar-vos-ia.

— Cumpriste bem a tua missão. Vim aqui com a esperança de te encontrar e de descansar um bocadinho. Ultimamente, nem tenho visto os montes nem os bosques, e já estamos quase na força do Verão.

— Isto é muito calmo. A paz é tanta que, quando venho aqui, quase me parece que estou no coração de Pelgrin. Acredito que até num tempestuoso mar de problemas se encontram ilhas de serenidade. Nada pode tocar nelas.

A rainha mexeu-se, preparando-se para se levantar, e Durwin estendeu-lhe a mão.

— Ficai um pouco mais, se quiserdes, senhora. Eu tenho de ir tratar disto — disse, abanando a cicuta, de onde saíram cintilantes gotas de água.

— Não, vamos juntos. Tenho de ir ver o rei.

Caminharam até aos cavalos, montaram e regressaram ao castelo de Askelon no doce calor da companhia um do outro.

— De onde és? — perguntou Quentin, torcendo o corpete. — E como é que te chamas?

— Não digo enquanto não souber quem mo pergunta. — Os olhos da rapariga faiscaram em desafio.

— Está bem, nome por nome. Chamo-me Quentin e este é o meu amigo e criado Toli. — Ao dizer os seus nomes, pareceu-lhe ver um clarão de reconhecimento atravessando as feições agradáveis da jovem. — Estes nomes dizem-te alguma coisa?

— Não. Deviam dizer? — atirou ela.

— Há quem já os tenha ouvido.

— Suponho que deve haver muita gente que já ouviu falar de duas pessoas assim tão barulhentas e brigonas.

Quentin irritou-se com a língua afiada da rapariga.

— Nós dissemos-te os nossos nomes, mas tu não nos disseste o teu — retorquiu com ar zangado.

— Só digo o meu nome a quem quero. E só quero ser conhecida dos meus amigos. — Abanando o cabelo liso e molhado, virou a cara.

— Se soubesses quem está a falar contigo... — começou Quentin acaloradamente. A altivez da obstinada rapariga estava a fazê-lo ficar fora de si.

— Se soubesses quem maltrataste... — Com a rapidez de um gato, virou-se novamente para Quentin e saltou-lhe em cima, com as mãos como se fossem garras.

Toli voltou a agarrar-lhe os braços, dizendo:

— Paz! O que o meu amo está a tentar explicar-te, senhora, é que jurámos proteger todos os súbditos do reino. Estamos às tuas ordens. — Falou em voz baixa e largou-a quando ela acalmou.

— Pois bem, não precisais de vos preocupar por minha causa — retorquiu ela, num tom de voz mais brando. — Não sou súbdita do vosso rei.

— Não és de Mensandor? Ah, agora já estamos a entender-nos — observou Quentin com ar azedo.

A rapariga olhou para cada um deles por trás das suas pestanas escuras, como se estivesse a medi-los.

— Muito bem, vou confiar em ti... mas só porque o teu criado tem tento na língua. — Lançou a Quentin um olhar sombrio. — Chamo-me Esme. Vivo em Elsendor.

— Então estás muito longe de casa. O que é que te trouxe a Mensandor e a esta aldeia tão modesta?

— Garanto-te que a aldeia não era o meu destino, mas a minha história não é para os teus ouvidos, embora já saiba que vais implicar comigo por causa disso.

— E quem melhor do que os homens do rei para ouvir a tua história? — indagou Quentin.

— O próprio rei! — Cruzando os braços, mirou-os com um olhar zangado.

— Então permite-me que te ofereça a proteção do rei até obteres uma audiência com ele — disse Toli com uma vénia. Esme sorriu triunfantemente e fez que sim com a cabeça. Quentin ergueu os olhos para o céu, como se implorasse paciência.

— Aceito a vossa proteção. Parece que as mulheres precisam dela nesta terra de mal educados. — Depois de ajeitar as roupas, fitou-os gravemente. — Encarrego-vos de me levardes imediatamente ao rei.

— Toli fez bem em oferecer-te a proteção do rei, para junto de quem regressaremos... mas não já. Temos uma missão de que fomos encarregados pelo próprio rei e só podemos voltar quando a cumprirmos.

A jovem carregou o cenho e ia começar a interpelá-los furiosamente, mas Toli intercedeu de novo:

— O que o meu amo diz é verdade. Se a nossa missão não fosse urgente, de bom grado te conduziríamos diretamente ao castelo. Nós próprios vamos regressar lá o mais cedo possível.

— Então vou sozinha. Com a vossa proteção ou sem ela, a minha missão não pode esperar.

— Como? No teu barco? Ias demorar muito mais tempo do que pensas. A corrente do Herwydd é muito forte. Não é fácil subi-la e Askelon fica longe. Ou estás a pensar em ir a pé?

— Ou tu podes dar-me o teu cavalo — respondeu ela.

— O meu amo está a sugerir-te prudência, senhora. Talvez não falem muitos dias para completarmos a nossa missão. Temos bons cavalos e, se for preciso, podemos chegar rapidamente a Askelon. Anda connosco... — hesitou — para tua proteção e para chegares mais depressa junto do rei.

Antes de se decidir, a impetuosa jovem passou o olhar de um para o outro.

— Está bem, irei convosco. Acho que não tenho outro remédio.

— Ditas estas palavras, virou-se e começou a caminhar de volta à abandonada aldeia de Persch.

Toli e Quentin seguiram atrás dela. Quando chegaram ao largo da povoação, Esmé voltou-se para eles, anunciando:

— Volto já. — E desapareceu dentro de uma das habitações.

— Vou esperar aqui pela nossa orgulhosa companheira — disse Quentin. — Vai buscar os cavalos. Partiremos logo que ela regressar.

Toli obedeceu e pôs-se a redistribuir pequenos artigos de viagem.

— O que é que estás a fazer? — inquiriu Quentin, observando-o.

— Como não me parece que queiras que ela vá contigo no teu cavalo, estou a arranjar o meu.

— O meu dever é assumir eu essa responsabilidade.

— Como? Eu sou teu servo. O dever é meu. E foi por causa da minha língua que ficaste com este fardo às costas. Portanto, vou ajudar-te a carregá-lo.

— Se isso te dá prazer, Toli, até podes levá-la nos braços todo o caminho. Faz como quiseres.

— Estou pronta — gritou uma voz atrás deles. Voltaram-se os dois, e viram uma jovem bem diferente da que tinham pescado no mar. Esmé apanhara o cabelo, prendendo-o com uma tira de couro. Envergava calças de montar, de corte mais requintado do que as dos homens, com complicados desenhos bordados ao longo das costu-

ras. Atirada por cima de um ombro, tinha uma capa curta também cuidadosamente bordada, que condizia com as calças. Tanto a capa como a macia túnica curta que trazia por baixo eram azul-escuras. Na cintura, um cinto feno de couro novo segurava um punhal comprido. Umhas botas de couro macio cobriam-lhe os pés e chegavam-lhe quase aos joelhos.

Seria difícil prever uma transformação tão notável. Toli e Quentin pestanejaram surpreendidos. Esme parecia uma princesa guerreira, mas nunca tal se ouvira em Mensandor.

— Que cavalo monto? — inquiriu.

— Toli leva-te com ele.

Sem mais palavras, subiram para as selas. Toli estendeu a mão e puxou a jovem, que se sentou atrás de si, no largo lombo de Ria! Dali a pouco, a aldeia silenciosa ficava para trás.

Quando o pôr-do-sol lhes alongou as sombras sobre as verdes colinas, pararam para passar a noite junto de umas finas faias pretas, perto de um regato. Quentin e Toli começaram a levantar o acampamento e Esme foi sentar-se num sítio cheio de ervas, puxou os joelhos para cima e pôs-se à espera. Só se aproximou quando Toli já tinha a carne no espeto e o caldo borbulhante na panela pouco funda.

— Pode ser que amanhã comamos melhor — observou Quentin. — Não pudemos arranjar as provisões de que gostaríamos. — Inclinou a cabeça na direção de Persch.

— Para mim, é um banquete — replicou Esme, que, com os olhos a brilhar, observava Toli a virar os espetos. — Há dois dias que não como.

A confissão envergonhou Quentin, que corou violentamente.

— Eu... eu peço desculpa pelo meu comportamento, senhora. Não devia ter feito o que fiz.

— Eu também te julguei mal — admitiu ela. — Mas talvez me perdoes o meu erro. Por vezes, uma mulher tem de desencorajar os avanços e as inconveniências dos desconhecidos. Pensei que querias aproveitar-te de mim.

— Ficava com muita pena era do homem que tentasse.

— Não te acontecerá nada enquanto estiveres connosco, senhora — disse Toli muito sério.

— Obrigado, senhor. — Quando os seus olhos se encontraram, Toli virou rapidamente a cara e acabou de preparar a refeição. Uma vez esta pronta, sentaram-se a comer. Toli passou um prato de carne em volta e encheu as tigelas de caldo. Depois, partiu umas côdeas de pão duro, que molharam no caldo para amolecer e ser mais fácil de mastigar. Esme comeu com um apetite muito pouco próprio de uma senhora, mas Quentin e Toli fizeram de conta que não viram nada.

— É muito simpático da vossa parte não reparardes nas minhas maneiras. A comida aquece tanto um estômago vazio!

— Como podemos reparar naquilo que também fazemos? — perguntou Quentin. — Não queres mais? Serve-te à vontade.

— Já comi que chegasse, obrigado. Toli, cozinhas comida simples como ninguém. Gostava de ver o que consegues fazer com virtualhas mais exóticas.

Toli não disse nada e sorriu misteriosamente.

— Agora queres dizer-nos o que fazias sozinha na aldeia? — indagou Quentin passado algum tempo.

Esme observou o interior da sua tigela de caldo, como se a resposta estivesse lá escrita. Depois, inclinando a cabeça para um lado, disse:

— Não tenho culpa se estava sozinha. Como talvez calculeis, fui lá à procura das roupas com que me vestes vestida. Ao encontrar a aldeia vazia, tal como vós, tratei eu de arranjar as roupas.

— Querias andar disfarçada... porquê?

— Já te disse: uma mulher tem de se rodear de cuidados quando viaja sozinha. O disfarce não era lá grande coisa, bem sei. Mas pensei que servia até eu descobrir outro ou até — fez um grande sorriso — os disfarces já não serem necessários.

— Conheces Mensandor assim tão mal para pensares que todos os homens são uns patifes?

— Não pensei em experimentar os súbditos de Mensandor, mas não é deles que tenho medo. Falem-me da vossa missão. Qualquer coisa me diz que os nossos objetivos estão mais próximos do que parece à primeira vista.

— Vamos procurar uns companheiros que deviam ter aparecido há muito — esclareceu Toli. — Foram mandados...

— Apurar a verdade de certos boatos que se espalharam na terra — rematou Quentin cheio de tato.

A testa de Esme enrugou-se subitamente.

— Os vossos amigos foram para sul?

— Foram para sul ao longo da costa. Porquê?

— Bons amigos, tenho muito medo por eles. — A voz tremeu-lhe de preocupação. — Não me admira que já devam ter chegado há muito... ou que nem sequer nunca mais regressem.

Imensamente atento, Quentin inclinou-se para a frente. Toli pôs os utensílios de lado e olhou fixamente para Esme.

— O que é que sabes disso? — perguntou Quentin com uma calma que não lhe disfarçava a ansiedade.

— Só isto... — Como vira o efeito que o que dissera tinha provocado, Esme escolheu as palavras com todo o cuidado: — Foi entre Dorn e Persch que, há dois dias, perdi os meus companheiros.



CAPÍTULO XII

Estás aí? — indagou Quentin em voz baixa, aproximando--se sem fazer barulho e pondo-se de pé ao lado de Toli. — Eu devia ter adivinhado que estavas a observar as estrelas.

— Não podia deixar de o fazer, Kenta. A estrela está a crescer. — A luz do céu noturno iluminava o rosto virado para cima do jher.

— A mim parece-me igual — retorquiu Quentin sem convicção. — Daqui a pouco é madrugada; talvez seja melhor prepararmo-nos para partir. As palavras da nossa nova companheira preocuparam-me. Fico mais descansado quando estivermos a caminho. Não me agradaria nada pensar que o Theido e o Ronsard foram apanhados porque nós não os avisámos nem o impedimos.

— É verdade, a estrela cresce a cada noite que passa e o mal também aumenta — tornou Toli, que se virou para Quentin e o fitou com os grandes olhos escuros cheios de uma luz que Quentin rara-

mente vira. — Vou aprontar os cavalos e acordar a nossa companheira. Temo que o dia já esteja estragado.

Afastando-se sem barulho, Toli deixou Quentin cismando nas suas palavras e sondando a estrela que, a leste, brilhava intensamente. Quentin ouviu uns passos leves como uma sombra atrás de si e Esmé apareceu ao seu lado.

— Então também sabes da estrela — disse ela.

— Temo-la observado... mas não sabemos bem o que pressagia.

— Não precisas de me poupar às tuas piores suspeitas. Os nossos sacerdotes conhecem bem os sinais celestes e também fazem a leitura dos portentos. Sei o que dizem da Estrela de Rapina, mas não tenho medo.

— Então és mais corajosa do que eu, senhora, porque tenho de reconhecer que, às vezes, ao olhá-la, sinto muito medo.

Toli trouxe os cavalos e montaram os três. Deixando o abrigo do bosque de faias pretas, deslizaram para a noite que se desvanecia e começaram a atravessar os montes iluminados pelas estrelas. Atrás deles erguia-se a parede escarpada dos Fiskills e o trilho estreito que seguia ao lado do mar. Tinham passado este corredor apertado ao fim da tarde e haviam forçado o andamento até às encostas que ficavam do outro lado, onde tinham acampado durante a noite.

Embora estivesse mortinho por saber mais de Esmé, Quentin não lhe pedira que contasse pormenorizadamente a sua história, nem ela parecia inclinada a falar da perda dos seus companheiros ou da missão que a levava para junto do rei Eskevar. Mas as reservas que pusera quanto à segurança de Theido e de Ronsard tinham-no inquietado, pois ele próprio andava a sentir uma certa preocupação. Ela mais não fizera do que dar voz à sua dúvida, tornando-a real e urgente.

— Eles devem ter ido para sul, por Halidom — raciocinara Quentin, quando, depois do jantar, se tinham sentado em volta da fogueira. — Senão, a Esmé e o seu grupo tê-los-iam encontrado na estrada entre Dorn e Persch.

— Mas porque é que haviam de ir para tão longe? — perguntara Toli.

Quentin encolhera os ombros.

— Hei-de perguntar-lhes quando nos encontrarmos. Talvez tenham visto alguma coisa. Para me dar volta à cabeça, já chegam estas povoações desertas.

Depois, tinham-se calado e tentado descansar. O espírito irrequieto de Quentin atirava-se às suas perguntas por responder como um cão a um osso. Mas, naquela altura, novamente em movimento, sentia-se melhor.

Pôs-se a escutar a cadência dos passos dos cavalos na zona mais profunda da noite. Dali a pouco, o horizonte começaria a iluminar-se a leste e o Sol empurraria a escuridão, preparando-se para mais um dia. Mas, naquela altura, seguiam como filhos da noite, deslizando, invisíveis, pelo mundo adormecido.

Quentin seguiu outra vez pela estrada da costa, um carreiro largo e rochoso que ligava as póvoas marítimas. Se alguma vez encontrassem Ronsard e os seus cavaleiros, seria, com certeza, naquela estrada; claro que havia outros caminhos para norte, através das castanhas Terras Selvagens, mas era mais raro viajar-se por eles. Tratava-se de trilhos usados pelos mercadores para atravessarem as vastas e vazias terras do Suth, em direção às regiões mais populosas do Norte.

As aldeias vazias (primeiro, Persch e, depois, Yallo e Biskan) tinham-no inquietado muito; embora não se cansasse de procurar uma explicação lógica, não lhe surgia nenhuma. Theido e Ronsard também as teriam descoberto? Se as tinham atravessado, com certeza que sim, mas as povoações também podiam haver sido abandonadas depois da passagem dos cavaleiros. Não havia forma de se saber há quanto tempo tinham passado na estrada, onde tinham ficado ou quem tinham visto.

Embora a razão lhe dissesse que seis cavaleiros armados podiam enfrentar quase tudo, Quentin esperava que eles não tivessem encontrado o que quer que fosse que surpreendera o grupo de Esme.

Cavalgaram durante uma hora ou mais, seguindo a sinuosa senda que subia e descia as suaves colinas ondulantes da costa. No cimo de cada uma, viam o mar imenso, escuro e calmo, estendendo-se na distância. Gerfallon não se incomodava com os tormentos de simples mortais: dormia no seu leito profundo, rodeado das suas criaturas.

No cimo de uma colina, Quentin parou e esperou que Toli, com Esme sentada atrás, de mãos nos joelhos, subisse e se pusesse ao seu lado. Impaciente com a demora, Blazer saltitava de lado.

— O que achas que é aquilo? — perguntou Quentin, fazendo um sinal de cabeça na direção dos montes escuros que ficavam a norte. Na distância, distinguia-se a custo uma mancha de chumbo luzindo no céu. — Se não soubesse, diria que, hoje, o Sol está a nascer a norte... isto é, um falso sol.

— Já muitas vezes vi este falso nascer do Sol e podes ter a certeza de que vem por aí alguma desgraça.

— O que é? — inquiriu Esme.

— Fogo — respondeu Toli.

— De certeza? Não me parece nenhum incêndio — disse Quentin, inclinando-se na sela para ver melhor. — Para isso era preciso uma pilha de madeira do tamanho de...

— Uma aldeia — completou Toli com a palavra que faltava.

— Não me digas!... — gritou Quentin, cada vez mais alarmado. — Illem fica naquela direção!

— É. A mais ou menos uma légua para norte.

— Então estamos a perder tempo a falar — rematou Quentin, virando o cavalo de frente para o clarão. — Talvez possamos ajudar. Vamos!

— Segura-te bem, senhora — recomendou Toli, agitando as rédeas. Riv saltou do carreiro e lançou-se em perseguição da forma em voo de Quentin.

À medida que os cavalos se aproximavam, galopando a toda a velocidade, o clarão do horizonte ficava mais brilhante e maior. A meia légua de distância, já cobria os montes, adensando-se num feio tom avermelhado. O fumo preto recortava-se na cortina mais escura da noite.

A leste, o advento da madrugada tornara o céu cor de pérola, o que fazia com que o clarão parecesse ainda mais agoirento e pouco natural.

No fundo de uma ravina, Quentin puxou as rédeas ao cavalo, que parou. Na Primavera, os degelos dos Fiskills enchiam o leito seco de

água gelada. Naquela altura estava juncado de ervas e arbustos, pois há muito que as águas se tinham esvaziado para o mar.

— Parece-me que Illem fica mesmo atrás deste cume — disse Quentin. A ravina atravessava uma depressão comprida, limitada, em três lados, por cumes baixos. Do fundo do leito seco do regato, parecia que o norte do céu brilhava como ferrugem. O vento que soprava para terra espalhava as colunas de fumo.

— Passa-se qualquer coisa — observou Toli. — Vamos andando com cuidado até descobrirmos onde está o inimigo.

— Concordo — assentiu Esmé. — Somos só três sabe-se lá contra quantos.

Surpreendido, Quentin mirou-a. Era claro que ela se considerava protetora e não protegida.

— Porque é que há de haver um inimigo? Com certeza não pensas... — Quentin calou-se. Conhecia o misterioso instinto de Toli suficientemente bem para saber que até as suas mais leves extravagâncias deviam ser levadas a sério, pois haviam tido razão de ser tantas vezes que não era nada prudente não lhes ligar. — Está bem, vamos continuar pelo vale até ficarmos ao nível da povoação. Depois, podemos descer ao abrigo da crista.

Recomeçaram a andar, mas a um passo mais lento. Quentin seguia à frente, perscrutando os cumes dos montes, à procura de sinais de atividade anormal. Um pouco mais à frente, o carreiro dava uma curva apertada.

— Espera! — murmurou Toli asperamente. — Ouve!

Vindo do fim da curva, ouvia-se um som estranho e abafado, como se um animal grande estivesse a fossar no solo macio do leito seco. Arrastando-se, respirava pesadamente, com um suspiro imaterial. Ouvindo este som, tanto Blazer como Ria levantaram as orelhas.

— O que será? — indagou Esmé, cujo sussurro quase se perdeu, dado que a intensidade do som aumentava rapidamente.

— Seja o que for, vem para cá — disse Quentin. — Por aqui! — E esporeou Blazer na direção da rampa mais próxima, para se desviar do caminho do bicho.

Mas foi tarde de mais. Quando Blazer saltava para a frente, a coisa apareceu, agitando-se na curva. Quentin entreviu um corpo

enorme, ondulante, disforme e mal definido. A criatura também o viu e soltou um latido que pareceu sair de uma dúzia de gargantas ao mesmo tempo. Foi então que Quentin percebeu do que se tratava.

— Parai! — gritou Quentin, puxando as rédeas bem de lado, para que Blazer recuasse nas patas traseiras e rodasse sobre si próprio. A sua ordem ecoou na encosta mais afastada. Toli apareceu imediatamente ao seu lado.

O animal gritou e desfez-se em cem pedaços, cada um fugindo numa direção diferente. De facto, o estranho bicho era apenas o amontoado dos aldeões de Illem, que fugiam juntos das suas casas incendiadas. O som que tinham ouvido era o de muitos pés correndo pelo leito seco e o murmúrio do medo.

— Parai! — berrou Quentin novamente. — Em nome do Rei Dragão!

As pessoas pararam. À vista do cavalo e do cavaleiro que assim apareciam de repente, ficaram pregados ao chão. Por um momento, ninguém se atreveu a mexer-se. Quentin calculou que, ao todo, deviam ser cinquenta, incluindo homens, mulheres e crianças.

Um homem mais corajoso deu um passo em frente:

— Não nos entreveis o caminho, senhor. Não sei o vosso nome, mas se sois amigo deixai-nos ir! — O homem aproximou-se lentamente de Quentin. Os outros, que se encontravam atrás dele, estavam apavorados de mais para se mexerem ou falarem.

— Podeis estar descansados que não vos faremos mal — disse Quentin.

O homem olhou por cima do seu ombro e gritou:

— O Destruidor está atrás de nós! Só escapámos com as nossas vidas... deixem-nos ir! Ele vem atrás de nós!

— Quem é esse Destruidor? Nós vamos ao seu encontro e...

— Não, é tarde de mais! — Fez um gesto rápido para os seus seguidores. Mal recommçaram a andar, o homem ergueu a mão para o ar. — Ahh! Encontraram-nos!

Quentin olhou para trás do homem e viu qualquer coisa a descer pelos lados da ravina, à luz de tochas. Então, desembainhou a espada de trás da sela e, ao mesmo tempo, ouviu o tinido da lâmina de Toli.

— Correi! — gritou Quentin aos aldeões. — Nós protegeremos a vossa fuga.

Toli lançou-se para a frente e Quentin viu mais tochas ardendo pela ravina abaixo. Inclinando-se sobre o pescoço de Blazer, Quentin precipitou-se para a ladeira, na direção do que lhe estava mais próximo. Depois, ouviu a lâmina de Toli fendendo o ar e o bater de metal, seguido de um grito abafado. Com a espada erguida, saltou o leito plano do regato e foi dar ao meio de um confuso grupo de soldados envergando cotas de malha, que desciam a ladeira desordenadamente. Dois deles provaram a sua lâmina e outros dois deram meia volta e largaram a correr ladeira acima.

Virando-se, Quentin descobriu que tinha o caminho cortado. Blazer recuou e começou a escoicinhar, com cascos que pareciam voar. A espada de Quentin, a abrir passagem até ao lado de Toli, parecia um escudo cintilante. A ponta de uma lança surgiu duas vezes da escuridão, mas a espada rachou a das duas vezes. Ora ficava um broquel cortado ao meio, ora um elmo...

Era óbvio que os soldados não estavam à espera de encontrar homens a cavalo. Não sabiam o que fazer e corriam uns para os outros, esforçando-se por ficarem fora do alcance dos corcéis bem treinados de Toli e Quentin. Este facto levou Quentin a pensar que, embora estivessem em desvantagem, conseguiriam dominá-los.

Mas, uma vez passada a surpresa inicial, os soldados reagruparam-se rapidamente e rodearam os cavaleiros.

— Estamos encurralados! — gritou Quentin, galopando ao lado de Toli. — Temos de arranjar uma passagem. Onde fica o ponto mais fraco?

— Ali... vês aquele buraco? — respondeu Esme. Quentin viu-a apontar com o punhal.

Olhando para o sítio indicado, descobriu um espaço entre dois soldados que corriam para eles.

— Boa, rapariga! Segue-me! — Agitou as rédeas e Blazer deu um salto em frente. Ao aproximar-se do buraco, viu uma vedação de arbustos baixos. Antes de ter tempo para pensar, Blazer estava no ar, passando-lhe por cima.

Toli não teve a mesma sorte. Com o peso de mais um cavaleiro, Riv saltou e passou os arbustos com as patas da frente, mas as de trás emaranharam-se nos ramos. Caíram os três e os soldados convergiram instantaneamente para eles.

Blazer estacou, batendo com os cascos, e Quentin fê-lo dar meia volta e regressar ao meio da confusão.

— Whist Orren, protege o teu servo! — gritou, desesperado. Nos escassos momentos de batalha, o céu clareara o suficiente para se verem os soldados recortados contra um fundo mais escuro. Quentin lançou um grito de batalha e preparou-se para a inevitável colisão. Entretanto, viu Riv sacudindo a cabeça e voltando a pôr-se de pé. Toli e Esme estavam perdidos por baixo de uma dúzia de sombras pretas de soldados que formigavam sobre eles.

Quentin foi malhando a torto e a direito na desordem de lanças e espadas, ouvindo os arquejos de dor e sentindo a espada penetrar bem fundo. Depois de baixar o braço uma e outra vez, a turva massa de corpos dividiu-se.

Depois, sentiu que alguém lhe puxava a capa, desequilibrando-o para trás. Os soldados estenderam as mãos e agarraram-lhe os braços; com um golpe seco, tiraram-lhe a espada da mão. Blazer recuava e saltava, mas Quentin estava firmemente preso e foi içado da sela.

Ao cair no chão, viu Esme saltando do nada e passando por ele a correr. Por um instante, os seus olhos encontraram-se. Quentin ainda pensou que ela ia em sua ajuda, mas Esme afastou-se e, num abrir e fechar de olhos, estava na sela de Toli. Caído no chão, Quentin sentiu um pé esmagar-lhe a garganta. Enquanto o mundo girava à sua frente, ouviu o som dos cascos de Riv, que se afastava.



CAPÍTULO XIII

Pesados reposteiros tapavam as janelas do quarto do Rei Dragão. Um fio mínimo de luz brilhava por entre uma abertura dos cortinados corridos e caía num simples raio sobre o alto leito real. De

resto, o quarto estava tão escuro como uma caverna cavada no fundo de um monte.

Durwin entrou sem fazer barulho e ficou um momento ao pé da porta. Pondo um dedo no queixo, aproximou-se, escutando a respiração irregular e leve da forma imóvel que se encontrava na cama. Parando junto do enfraquecido rei, inclinou-se para observar o rosto do homem adormecido. Foi nessa altura que detetou o leve cheiro pútrido da morte.

O santo eremita deu meia volta e pousou a taça de madeira, que tinha na mão, numa mesa ali perto. Depois, encaminhou-se para a janela alta e estreita, agarrou nos reposteiros com as duas mãos e puxou com toda a força. As dobras fechadas do tecido rasgaram-se e caíram ao chão, deixando entrar uma avalanche de estonteante luz da manhã, que inundou o quarto sombrio.

O ar fresco, limpo e quente varreu o quarto arrefecido pela noite, banindo aquele fedor horrível. O homem deitado na cama, pálido e mirrado entre os montes de grossas mantas, mexeu-se debilmente. Um queixume, onde se notava a falta de ar, escapou-lhe dos lábios.

— Acordai, meu rei! — gritou Durwin, inclinando-se. — Ouvis? Digo-vos que acordeis e que afasteis de vós o sono da morte!

Durwin pegou na taça e, enfiando a mão por baixo da cabeça de Eskevar, chegou a aos lábios do inválido. O líquido amarelo escorreu pelo queixo e pescoço do rei, manchando os lençóis.

Mas pelo menos uma parte do remédio entrou na boca do doente. O rei arquejou debilmente e o eremita deu-lhe mais líquido, esvaziando a taça. Dali a pouco, as pálpebras cinzentas agitaram-se e abriram-se, pondo a descoberto dois olhos escuros, toldados e entorpecidos.

— Acordai, Eskevar. Ainda não chegou a vossa hora. — Os olhos imóveis fitavam-no por entre a névoa. — Oh, será que cheguei tarde de mais? — murmurou Durwin para si próprio.

— O que é? Durwin, o que acon... — A rainha assomou à porta aberta. Avançando dois passos, viu o marido imóvel, olhando para cima. — Oh! — gritou, precipitando-se para junto da cama. — Ele ainda está connosco, senhora, mas não sei por quanto tempo. — Enquanto falava, Alinea agarrou-se ao seu braço, procurando apoio, e

atirou-se para cima do leito, enterrando o rosto nos lençóis. Dali a pouco, ouviam-se os seus soluços abafados e indistintos.

Durwin deixou-se ficar de lado, contemplando a rainha e o seu rei moribundo. Tinha o coração apertado de piedade e dor.

— Deus Altíssimo — rezou — , vós dais vida aos homens e tornais a recebê-la deles quando a sua passagem sobre a Terra está completa. Todas as coisas crescem no seu tempo, de acordo com os vossos desígnios. Com certeza que vos é odioso que a vida se acabe antes do que foi destinado. Uma doença má aflige o nosso rei, apertando-o num abraço mortal. Libertai-o dele. Fazei-o voltar a subir o caminho que agora desce e devolvei-o aos seus entes queridos e ao seu reino.

A oração de Durwin pairou no ar como um bálsamo. A brisa soprou suavemente, transportando o perfume das rosas dos jardins lá de fora e atravessando a quietude do quarto com o seu doce sussurro. Depois, tudo voltou a ficar silencioso.

— Durwin... olha! — exclamou Alinea. Ajoelhada ao lado de Eskevar, apertava-lhe uma mão nas suas. O rei observava-os calmamente, com os olhos marejados de lágrimas.

— Oswald! — chamou Durwin. O camareiro da rainha, que não saía de junto da porta, entrou a medo. — Vai buscar o frasco que está na minha mesa de trabalho. — O preocupado servo desapareceu imediatamente e voltou mesmo antes de Durwin acrescentar: — E despacha-te!

O eremita tirou a rolha do frasco e administrou o líquido, que correu pela garganta do rei abaixo. Desta vez, Eskevar tossiu, fechou os olhos como se tivesse dores e disse, numa voz que mal se ouvia:

— Caí assim tanto que até sou envenenado no meu próprio leito?

— O rei queixa-se... é bom sinal. — A rainha virou o rosto ansioso para o eremita. — Senhora, por agora, não há problema, mas ele ainda não está fora de perigo.

Durwin deu a volta à cama e começou a puxar para trás as mantas de lã e pelo.

— No entanto, fui tolo e de compreensão lenta. Talvez o rei não tivesse decaído tanto, quase a um ponto sem regresso, se eu fosse mais observador. Temos de o levantar, senhora.

Alinea pôs um ar de dúvida:

— Achas...?

— Sim. Ele tem de poupar a força que ainda possui. Tem de a usar para arranjar mais. Ajudai-me a pô-lo de pé.

Pegando no corpo do rei, leve como uma pluma, não oferecendo qualquer resistência, levantaram-no com todo o cuidado, carregando-o pelos braços, puxaram-no suavemente da cama e pousaram os pés descalços no chão.

— Ahhh! — gritou Eskevar, cheio de dores. A rainha lançou um olhar preocupado a Durwin, que se limitou a assentir com a cabeça, como se quisesse dizer: «Continuai, tem de ser.»

Cuidadosamente, ajudaram-no a andar passo a passo, de trás para diante, parando sempre em frente da janela para o deixarem recuperar o fôlego. Caminharam assim durante muito tempo. A cabeça do rei, que estava quase inconsciente, balançava-lhe nos ombros.

Ao meio dia, Eskevar já se mexia à vontade, embora ainda precisasse de se apoiar no braço da sua rainha. Tinha a testa húmida de suor e uma tosse violenta atormentava o seu corpo encolhido, fazendo-o tremer todo. Exausto, desfaleceu.

Durwin e Oswald transportaram-no de novo para a cama, observados por Alinea, que retorcia as mãos.

— Suponho que agora vai dormir profundamente. Daqui a pouco, acordamo-lo para comer. E tem de andar outra vez antes de o Sol se pôr. Ficarei com ele à noite.

Durwin afastou-se do leito, abanando lentamente a cabeça de trás para diante.

— Como pude deixá-lo decair tanto?

— Na verdade, a culpa não é tua. Fizeste o que pudeste. Aliás, acabas de lhe salvar a vida. — Alinea deu umas palmadinhas no braço de Durwin e sorriu calmamente.

— O deus abriu-me os olhos a tempo, senhora. Devo dar graças por isso. Mas não podemos afrouxar outra vez a nossa vigilância, se não queremos perdê-lo para sempre. Está muito fraco, a sua força é muito frágil.

— Anda recompor-te à cozinha. Também tu vais precisar da tua força nas horas que se aproximam, assim como todos nós.

...

Quentin retorceu-se no chão. Sentia uma dor aguda, que o penetrava de lado. Tinha um olho fechado devido ao inchaço e a sua boca, que sabia a sangue, latejava com uma dor surda. Levantando a cabeça devagar, olhou em volta com todo o cuidado. O fumo da aldeia incendiada ainda pairava em nuvens que rolavam pelo chão, picando-lhe nos olhos e congestionando-lhe o nariz. O Sol, que ainda mal nascera, parecia uma bola vermelha que ardia intensamente por entre a névoa preta que enchia o ar e se afundava nas encostas da ravina onde se encontrava.

Um soldado que estava ali perto viu o ligeiro movimento de Quentin e deu-lhe um golpe no ombro com o cabo da lança.

Quentin tornou a baixar a cabeça e ficou quieto; já vira o que queria ver. A grande maioria dos soldados já partira; só tinham ficado uns poucos para guardar os prisioneiros... se é que havia prisioneiros, pois Toli não se via por lado nenhum.

Quentin tentou mexer os dedos, mas estavam entorpecidos. As cordas que o amarravam tinham sido bem atadas e apertadas. Tinha as duas mãos juntas atrás das costas, um laço à volta do pescoço e outro passando-lhe pelos pés. Se movesse as mãos ou os pés, o nó do pescoço esticava e estrangulava-o. Mas, periodicamente, Quentin rastejava para um lado ou para o outro, tentando avaliar melhor o que o rodeava.

Só estava vivo graças ao deus. No caótico momento da sua captura, ficara instantaneamente inconsciente. Logo que caíra no chão a deitar sangue, um carrancudo guerreiro erguera um machado de dois gumes por cima dele. Quentin vira o clarão da lâmina baixando-se e descrevendo um arco na direção do seu coração.

Fora salvo no último momento por uma mão que agarrara o braço que segurava o machado no ar. Depois, rebentara uma discussão. Embora Quentin não percebesse as palavras mal articuladas daquela língua áspera, sabia que tinham a ver com o seu provável destino. O soldado que empunhava o machado queria matá-lo imediatamente. O outro parecia insistir em que se esperasse, possivelmente pela aprovação de um superior. Por isso, Quentin fora amarrado e deixado a meditar no que o esperava.

Mas não esperou muito.

Passado pouco tempo, ouviu o som oco dos cascos de um cavalo. De repente, houve uma grande agitação à sua volta, uma voz áspera gritou uma ordem e dois guerreiros sinistros agarraram-lhe pelos braços e, aos sacões, puseram-no de joelhos. A voz berrou outra ordem e uma mão pegou-lhe no cabelo e puxou-lhe a cabeça violentamente para trás. Fechou os olhos com a dor. Quando tornou a abri-los, deu com os olhos frios e duros de um dos comandantes de Nin.

O guerreiro observava-o impiedosamente. Envergava um estranho vestuário de batalha feito de bronze, que, ao Sol nascente, luzia com um brilho acobreado que condizia com a cor da sua pele. Tinha os braços cobertos por mangas de cota de malha que lhe iam dos ombros às mãos largas e pesadas e, dos joelhos aos tornozelos, usava polainas de bronze. Não trazia nenhum elmo, e o cabelo preto e comprido estava puxado para trás e preso numa trança comprida e grossa, que lhe descia pelas costas. Da maçaneta da sua sela pendia uma espada comprida e curva, com a lâmina fina manchada de fios carmesins de sangue.

O cavalo do comandante, largo e pesado, abanou a crina entrançada e relinchou. Um dos soldados que agarravam Quentin começou a falar. Era um som estranho aos ouvidos de Quentin, que não fazia a mínima ideia de que língua se tratava, pois não percebia nem uma palavra. Mas o mais natural era que o soldado estivesse a contar a captura do prisioneiro ao seu comandante.

A dada altura, o comandante, que ouvia atentamente, interrompeu para fazer uma pergunta. Pareceu então a Quentin ver um clarão de interesse iluminando-lhe as feições selvagens. A uma ordem rápida, dois soldados precipitaram-se para lhe desamarrarem as pernas, puseram-no de pé e obrigaram-no a andar. O comandante ficou a vê-lo afastar-se, esporeou o cavalo e começou a descer a ravina.

Quentin foi forçado a subir a margem íngreme do leito seco. Através do fumo que pairava no campo, viu soldados reunidos em volta de várias carroças grandes, envergando o mesmo vestuário escuro e grosseiro e transportando brutais machados de batalha de

dois gumes. A uma ordem, entregaram todos as suas armas, que foram recolhidas e metidas dentro das carroças. A outra, deram-lhes grandes cestos. Depois, regressaram todos a correr para as ruínas fumegantes de Illem.

Quentin foi levado até uma das carroças mais próximas e encostado a uma roda enorme... tão grande que era da sua altura. Desamarraram-no e, depois, prenderam-lhe os pulsos e os tornozelos à roda. Naquela posição, não teve outro remédio senão observar a estranha atividade que se desenrolava nas ruínas.

Vários soldados em linha surgiram da cortina de fumo, transportando sacos de grão e pipas de vinho. Estes e outros alimentos, que constituíam as provisões da povoação, foram empilhados num grande monte e, depois, carregados em carrinhos de mão, que os levaram dali para fora.

À sua frente começaram então a desfilar pares de soldados com cestos, que se encaminhavam para os montes. Quentin não conseguia ver para onde iam, mas sabia que se dirigiam para norte. Os homens transportavam os cestos aos ombros, e alguns iam bem curvados sob o peso do que levavam. Quentin ficou a pensar no que teriam os cestos.

Mas embora observasse a atividade que o rodeava, estava sempre a voltar-lhe à ideia o pensamento que mais temia. Mais do que a sua segurança, preocupava-o o que acontecera a Toli. O seu amigo, companheiro e servo desaparecera. Sabia que havia duas explicações possíveis: ou Toli fora morto durante o ataque e, nesse caso, o seu corpo jazia abandonado lá no fundo da ravina, ou o astuto jher conseguira escapar na confusão da batalha. Quentin rezava para que Toli se tivesse salvado.

Nesse momento, ouviu um sinal, um estrondoso toque de trombeta, e uma fileira de homens a cavalo passou pelas carroças. Cada um deles transportava um machado, um escudo e a estranha espada curva. Os cavalos também tinham armaduras. Grandes discos de couro endurecido, ligados por aros de ferro e entrançados de maneira a formarem tiras, passavam pela cernelha e pela garupa dos animais e quase arrastavam no chão. Por cima dos cascos, tinham filas de espigões afiados; além disso, mais dois

espigões compridos e cruéis despontavam da placa frontal de cada cavalo.

Quentin pensou que, fossem quem fossem, tinham chegado preparados para a guerra.

Depois de os cavaleiros passarem, ouviu outro toque de trombeta e, para seu horror, as carroças puseram-se em movimento. Pensando que se tinham esquecido dele, Quentin desatou a gritar, enquanto a roda à qual estava amarrado começava a rolar. Mas os seus gritos só originaram gargalhadas nos soldados que passavam. Percebeu então que não se tinham esquecido dele. Estava destinado a viajar com eles naquela tortura e a morrer lentamente na roda que girava.



CAPÍTULO XIV

Yeseph encontrava-se sentado no pátio, cabeceando contra o peito. À sua volta, os doces sons do crepúsculo erguiam-se para o ar. O Sol já deslizara para trás dos montes de Dekra e, embora o céu ainda estivesse de um azul brilhante, raiado de nuvens cor de laranja, as compridas sombras do fim da tarde mergulhavam na noite o pátio limpo e varrido do estimado ancião.

Ao seu lado, as folhas perfumadas de um loureiro novo matraqueavam ao sabor da brisa. Como delicadas pétalas de uma flor, as leves notas de uma melodia cadenciada deslizavam pelo muro e caíam no pátio. A taça, na qual não tocara, estava pousada perto da sua mão. Yeseph respirava pesadamente.

Ouviu-se um passo miudinho e apressado e um frufu de saias, e Karyll, a sua mulher, apareceu a seu lado e baixou o olhar para ele, fazendo-o sentir o calor da sua presença.

— O meu marido está cansado do dia de trabalho — disse ela. — Meu querido, acorda. A refeição da noite está pronta. — A sua voz era tão leve e tranquilizante como a brisa que brincava na árvore.

Yeseph levantou a cabeça e, à medida que retomava a consciência, ela viu-lhe nos olhos o reconhecimento gradual do sítio onde